CANCIONEIRO DO CACAU 2ª edição



Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA Rui Costa - Governador

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO Osvaldo Barreto Filho - Secretário

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ Adélia Maria Carvalho de Melo Pinheiro - Reitora Evandro Sena Freire - Vice-Reitor

> DIRETORA DA EDITUS RITA VIRGINIA ALVES SANTOS ARGOLLO

Conselho Editorial:
Rita Virginia Alves Santos Argollo – Presidente
Andréa de Azevedo Morégula
André Luiz Rosa Ribeiro
Adriana dos Santos Reis Lemos
Dorival de Freitas
Evandro Sena Freire
Francisco Mendes Costa
José Montival Alencar Junior
Lurdes Bertol Rocha
Maria Laura de Oliveira Gomes
Marileide dos Santos de Oliveira
Raimunda Alves Moreira de Assis
Roseanne Montargil Rocha
Silvia Maria Santos Carvalho

CYRO DE MATTOS

CANCIONEIRO DO CACAU 2ª edição



Ilhéus - Bahia 2015

©2015 by Cyro de Mattos

Direitos desta edição reservados à EDITUS - EDITORA DA UESC

Universidade Estadual de Santa Cruz

Rodovia Jorge Amado, km 16 - 45662-000 Ilhéus, Bahia, Brasil

Tel.: (73) 3680-5028 - Fax: (73) 3689-1126 http://www.uesc.br/editora e-mail: editus@uesc.br

> Projeto Gráfico Geraldo Jesuíno - UFC

Fotografia da capa royalty free, freeimages.com (id: 729908)

> Diagramação Deise Francis Krause

> > ILUSTRAÇÕES
> > CALASANS NETO
> > MINELVINO

REVISÃO CYRO DE MATTOS MARIA LUIZA NORA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Ficha catalográfica: Elisabete Passos dos Santos - CRB5/533

M444 Mattos, Cyro de.

Cancioneiro do cacau / Cyro de Mattos. – Ilhéus, BA: Editus, 2015 304p.

ISBN: 978-85-7455-378-8

1. Literatura brasileira – Poesia. 2. Cacau na literatura. I. Título.

CDD 869.91

Prêmio Nacional de Poesia Ribeiro Couto da União Brasileira de Escritores, Seção do Rio de Janeiro, para livros inéditos, 1997.

Terceiro Prêmio Nacional de Poesia Emílio Moura da Academia Mineira de Letras, 2003.

Finalista do Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro, 2003.

Segundo Prêmio Internacional de Literatura Maestrale Marengo d'Oro do Centro Culturale Sestri Levante, Genova, Itália, 2006.

Cancioneiro do Cacau, Ediouro Publicações, 1ª. Edição, Rio de Janeiro, 2002.

Para José Haroldo de Castro Vieira e Augusto Mário Ferreira - em memória.

> Também para Itabuna, cidade no sul da Bahia, meu chão.

E Mariza, mulher e companheira.

E a terra produziu erva verde, e que dá semente segundo a sua espécie, e árvores que dão fruto, e cada uma das quais tem semente segundo a sua espécie. E viu Deus que isso era bom.

(GÊNESIS, 1.12)





SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO Cyro de Mattos, A Palavra Enraizada por Eduardo Portella

OS SORTILÉGIOS Viola / Evocação / Elogio / Antemanhã / Cacaueiro

AS RAÍZES

Pacto / Natureza Verde / Estações / Povoado / Rumos / Passo de Gume / Mulher / Da Parição / Veredas / Gestação / Canção da Terra / Instrumentos

AS SAFRAS

Plantio / Fruto / Colheita / Da Quebra e Secagem / Embarque

OS BICHOS

Jacaré / Galo / Coruja / Gato / Morcego / Macaco / Sapo / Burro / Grilo /
Cavalo / Cão / Ovelha (I, II) / Preguiça / Onça / Raposa (I, II) / Urubu /
Porco / Cabra / Gavião / Tatu / Curió / Papagaio / Boi / Cobra / Vaga-Lume
/ Garça / Acauã / Mico-Leão / Jupará / Borboleta / Lontra / Beija-Flor

AS CIDADES

Porto Seguro (I, II) / Ilhéus / Belmonte / Canavieiras / Itabuna / Itapé /Coaraci / Camacã / Buerarema / Itajuípe / Ibicaraí / Uruçuca / Ubaitaba / Ipiaú

OS TRABALHOS

Padre / Jagunço / Mascate / Tropeiro / Aguadeiro / Motorista / Fotógrafo / Topógrafo / Pedreiro / Coveiro / Sapateiro / Engenheiro / Leiteiro / Alfaiate / Areeiro / Lavadeira / Camponês / Carpina / Pintor / Carteiro / Seleiro / Ferreiro / Político / Pescador / Jornalista / Professora / Músico / Médico / Escrivão / Advogado / Promotor / Juiz (I, II) / Oficial de Justiça / Fazendeiro / Doceira / Comerciante / Guarda

/ Tipógrafo / Coronel / Carvoeiro / Carroceiro / Cabeleireiro / Açougueiro / Cozinheira / Padeiro / Trapicheira / Verdureiro / Cantador

OS TRANSPORTES

Caminhão / Navio / Canoa / Montaria / Estrada / Trem / Companhia Viação Sul Baiano: SU (L) BA ou No Tempo das Marinetes / Tropas / Avião /Alvarenga

AS IMAGINAÇÕES

Lenda de Boiadeiro (I, II) / Canto a Nossa Senhora das Matas / Lenda do Fruto (I, II, III) / A Lagoa Encantada / A Cidade Abandonada / A Moça e o Globo da Morte / O Corre-Costa / Caipora / Amigo-Folhagem / Preto Velho / Bicho-Papão / Boi da Cara Preta / Lobisomem / Rasga-Mortalha

OS RECANTOS

Feira / Cemitério / Sede de Fazenda / Vila de Ferradas / Catedral de São Sebastião / Em louvor de Nossa Senhora da Vitória / Igrejinha de Santo Antônio / Catedral de São José / Olivença / Pontal dos Ilhéus / País de Sosígenes Costa / Santa Casa de Misericórdia / Campo da Desportiva / Jardim da Prefeitura / Casa do Artesão / Ginásio Divina Providência / Sexta-Feira Maior / São João / Natal / Os Rios / Ribeirões / Jaqueira / Rio Cachoeira / Estrada Itabuna-Ilhéus / CEPLAC / Porto Novo / UESC / Chocolate

OS DESCAMINHOS

Do ouro Vegetal Contrário / Quadro na Parede / Poema da Vassoura-de-Bruxa ou Versinverso da Flora / Fruto Desfeito / Os (A) talhos / Porto Velho / Indústria / Sonetos sem Rumo (I a X) / A Casa Verde / De Ocasos e Sonhos

POSFÁCIO Cancioneiro do Cacau por Hélio Pólvora

ADENDO

O Autor / A Obra em livro / Sobre o autor em livros / Em revistas e periódicos / Depoimentos

CYRO DE MATTOS, A PALAVRA ENRAIZADA Eduardo Portella*

Em Cyro de Mattos, o poema e a narrativa se entrelaçam engenhosamente. Quando escreve o poema, narra; quando narra, jamais se afasta do sopro vital da poesia. Talvez por isso o poema preserve caprichosamente a precisão descritiva. E o relato, em nenhum momento, perde de vista os sinais emitidos pela torre de comando do que já fora, em dias menos conturbados, o laborioso assentimento da arte poética.

O livro de poemas que agora publica Cyro de Mattos, *Cancioneiro do Cacau*, registra essa mesma tensão constitutiva. Nela a percepção imediata e a memória mediata, o acontecimento e a rememoração recolhem e dão vida a paisagens e figuras das "terras do sem fim". Sobre esse território quase minado, o poeta e narrador Cyro de Mattos escreve a estória animada e inanimada, em meio ao sobressalto da natureza, da cotidianidade, das representações institucionais. A cronometragem do tempo, ao longo da terra e das estações, expõe o olhar perplexo de seus habitantes, a labuta diária, a colheita ocasional e não raro a inviabilidade. Daí a contenda interminável que supre de dramaticidade o verso espesso, e mais ainda crispado, dos melhores momentos de *Cancioneiro do Cacau*.

O vigor cultural da região sulina do Estado da Bahia vem alimentando vários poetas e narradores qualificados. Alguns se

circunscreveram ao espaço regional, outros saíram Brasil afora, e uns quantos tomaram o caminho do mundo. Talvez prevaleça em Cyro de Mattos, como impressão digital, a combinação bem-sucedida de Sosígenes Costa, Jorge Amado e Adonias Filho, esses escritores emblemáticos das terras do cacau, de cidades em formação, cifradas entre o chão e o mar, a esperança e o desencantamento, personagens cindidos entre o conflito interior, certamente localizado no fundo da alma, e o pleito corpóreo da justiça social, jamais atendido, ferida aberta sobre o mundo da vida.

Cyro de Mattos é um deles. Acompanho-o desde os dias matinais, com admiração que só tem crescido com o tempo. Cyro se distingue também como fabulador hábil, na boa linhagem dos seus antecessores, e como poeta e narrador que conhece de perto os segredos e as artimanhas da linguagem. Com essas aptidões, o impulso poético, a ação da fábula e a argumentação da linguagem, calibradas com sabedoria, Cyro de Mattos prossegue em sua jornada instauradora.

Mas o seu poema não irrompe de qualquer abalo sísmico ou de qualquer intempérie facilmente previsível. Ele eclode da história revigorada, nasce do fundo do homem e das coisas, da sua raiz em curso, da sua origem protegida do menor sedentarismo. Lembro-me logo do poema IX, da parte do livro intitulada"Os Descaminhos":

> "Dentro de mim ressoa uma nação. O clima que vem dela nas raízes Se alimenta em razão de verdes vozes Do suor derramado pelo chão.

Houve tempo de dedos corroídos, Duro clamor nos dias mais sofridos, Cobra no inverno, bala no verão, De cacau era a flor no coração. Homem de saga molhada, sangrada, O ouro vegetal vi sustentar toda Essa nação enquanto pela estrada

O tempo dava voltas, Tudo agora Se desfaz. Cai das folhas, insonora, Essa flor murcha que a agonia gera."

Cyro de Mattos se compraz em revalorizar a raiz, e reverenciar a origem, em reconhecer o fundamento radicalmente imune ao fundamentalismo. O poeta enraizado, e, no caso, porque enraizado, generoso, recorda para frente. Livremente. Como quem retira dos filtros do passado, e dos detectores de metais do presente, lições, mesmo que enviesadas, para a construção do amanhã.

Ensaísta e Professor Emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ex-Ministro da Educação e Cultura do Brasil. Ex-Presidente da Fundação Biblioteca Nacional. Publicou os livros *Dimensão I e Dimensão II*, dentre outros.

^{*}Eduardo Portella

OS SORTILÉGIOS

E canto a mim mesmo, E o que eu assumo deveis assumir, Pois cada átomo que me pertence A vós pertence também.

Walt Whitman

VIOLA

Um povo e sua flor dentro de mim com vozes, cores, rios. Um povo e sua flor com ventos, aves, penas. Trama minha sina viola do amor no visgo da terra. Um povo e sua flor emoção feita amêndoa na seiva do mistério deixando-me acontecer alma, força e vida.

EVOCAÇÃO

No cocho ao fermento,

na barcaça ao sol,

no armazém até o teto.

Transpira a trama

perfeita aderência

desse cheiro e o menino

na pele do tempo.

ELOGIO

Caminha na boca por me saber cativo, adoça o furto infantil, engana no riso, brilha no peito jardim florido, cores em que sonho, da barba visgo, roxo aroma flui ébrio por dentro, paixão e ilusão quanto mais viajo sinto o fruto em mim ritmando o mito.

ANTEMANHÃ

Turvo dormias, de rubi placenta não indaga o verde. O que te aguardava vozes como febre ao cabo desse mito que dúbio te veste. Manhã rútila por esta porta de ouro e sangue, romaria do fruto de teus sonhos e de teus vícios, carregando úmida tua língua ávida, lambendo a palavra que se chama destino.

CACAUEIRO

Dádiva da terra bondosa, saga Nas léguas da promissão forjada, Enredo com disputas e ciladas, De seus galhos esplendem frutos de ouro.

Nas sombras de seu vegetal tesouro, Aos servos e donos do orvalho diga O tempo sobre aroma em terra amarga, De noites solitárias também diga

Esse vento que me lambe na mata. Um mundo de desejos ressalte-se, Tão mundo nesses calos refazendo

Cantado como um cordel encantado. Se assim não fosse até este soneto Em meus sonhos não seria composto.



AS RAÍZES

A tua mão é dura como casca de árvore. Ríspida e grossa como um cacto... ...suja de terra e enorme, mas principalmente enorme.

Cassiano Ricardo

PACTO

Dia como a noite por onde a morte a vida espreita. Gume em mata treva, esperança é o claro, rumo do que planto na fenda das sombras. Vasta cabeleira circula séculos onde o homem mora, um oculto do outro na terra sem fim. Todo este peso sustenta. Rude canto assume frio e sortilégio, tombo de tronco ao tremor de terra. Pacto de calo ser em mãos enormes fera dor e golpe onde respira a selva.

NATUREZA VERDE

Teu clamor na selva o tempo não socorre. Tua dor no verde e o rumo imutável. Tua flor havida com suor e lâmina. A noite não era nada.

ESTAÇÕES

Morte na febre, morte na picada, morte na cangalha, morte no salto, morte na rede, morde na capanga, morte no galope.

Em léguas tiranas de véu e grinalda. Como o verde puxado da raiz até os galhos brotava a esperança em qualquer parte. O visgo da terra era mais forte.

POVOADO

Como formiga gente bugigangas brota ébrio ouro vegetal. Comercinho novo mãos aventureiras cifrando o mundo. Inauguram a praça com música alegre. Em casas escoradas vento da noite quente. Veias do horizonte na rua mal traçada latejam o burburinho que um dia na poeira sobrado amanhece.

RUMOS

As serras longínquas. A neblina inclemente.

Compareci como alvo das mil faces da morte.

Matei e morri, sujei-me com sangue.

Renasci no verde como um mato qualquer.

Ferida e sonora assumo essa fera.

Desalmado no açoite o tempo julgue-me.

PASSO DE GUME

Machado na mão, facão na cintura, colher dores no sem fim: era isso o homem?

MULHER

No toco no cabo no burro no ventre nos porcos no fogo no buraco nos olhos via e veia suas mãos minhas mesmas mãos ave/céu peixe/água abelha/flor raiz/chão

DA PARIÇÃO

Luas acalentando a semente no ventre, as veias túmidas da terra caprichosa. Rubi que se abre na queda das chuvas nesse beijo difícil, recebe toda a força soprada pelo vento das cavernas do tempo. Avidez de carne, profundo o eco, instaura o reino dos frutos de ouro, nervos e cipós latejam pelos confins do verde.

VEREDAS

Havia os que penetravam a mata escura, havia os que improvisavam moradas, havia os que derrubavam os paus grandes, havia os que brigavam com onça, havia os que semeavam o capim das pastagens, havia os que pisavam em cobra, havia os que caminhavam com as estrelas, havia os que sonhavam com a lua.

Não foram esses com mãos de madeira grossa que em léguas de terra amarga de sol a sol na primeira planta colocaram na bainha o punhal da noite escura?

GESTAÇÃO

Era a conversa com sapo e rosto lavado na aurora.

Era o piano na mata da chuva placentária.

Era a barba por fazer do dia contra as sombras.

Era a lua entalhada na jaqueira sonâmbula.

Era a cobra na semana e o estampido na rua.

Era a estrela congelada da noite que era nada.

Era o destamanho bêbado do fruto e sua trama.

CANÇÃO DA TERRA

Félix Severino do Amor Divino, Firmino Alves, Frei Ludovico, Velho Marreco, Antonio Coco Buxo, Félix do Brejo, Rufino Xodó.

A mão pegando cobra comove o vento na raiz.

Joaquina Mascate, Mira Rezadeira, Terto Tropeiro, Zezito Caçador, Zô Amansador de Burro Brabo, Oscar Capoeira, Justiniano Serrador.

Ponta de faca a planta, safreira a morte na capanga.

Lino Peixe, Tonico Tocaia, Teuteu dos Índios, Vital Curió, Zuza Céu, Zefa dos Anjos, Neco Capoeira, Matias Tamanduá.

Desvãos e sobressaltos, a pálpebra do sol trancada.

João Sem Mãe, João Amado, João Caçuá, Otaciana Parteira, Otília Parideira, Doutor Borborema, Firmino Corró, Chico Santeiro, Lameu Sovela, Gringo Alá. Acauã indagando nos confins este ouro nos galhos vale a pena?

Farid Padeiro, Gustavo Capador, Tertuliano da Mata Virgem, Belinha Viçosa, Etelvina-Qualquer-Um, Anísio Gigante, Davino Canguçu.

Coito de onça na cama, mal a noite coaxa lá fora.

Nestor dos Porcos, Firmo Ferreiro, Juca Passarinho, Pedro Camacã, Aurino Sapucaia, Damião dos Bambus, Benevenuto Nascimento de Jesus.

Tremor de terra a herança, invencível amanhecer da flor.

INSTRUMENTOS

No rigor do dia de golpe e corte os confins da mão.

Domavam o tempo com voz vegetal frio e escuridão.

Suas lições: lume na ideia, elos da estação.



AS SAFRAS

E, atrás deles, filhos, netos seguindo os antepassados, vêm deixar a sua vida caindo nos mesmos laços.

Cecília Meireles

PLANTIO

O verde planto, o ouro não vejo, vento sedento a lavra indecifro, mel no calo, fel no desejo. Até hoje sou visgo, todos os dias da vida insumo atrás como na frente.

FRUTO

Ouro, saga, suor, tocaia.

Código, rito, legenda, pompa.

Licor dos deuses em vegetal trama.

COLHEITA

Nada depois E só eu e a minha tristeza Fernando Pessoa

O cardo, o calo, o lodo, a neblina, a formiga, o besouro, o cupim, o morcego. Quanto mais rodo, quanto mais colho, ofício desse fruto o mel não bebo. Adubo póstumo sou o que eu sou, amargo me vendo. Ingrata sina da hora mais longa no tempo neutro.

DA QUEBRA E SECAGEM

Calo e cardo toca-me
o cotoco do facão,
rotino ouro extirpo
rubro ao cabo dos anos
dessa vaga incandescido
na estufa do peito.
Mágoa em mãos sujas,
pingos no zinco furado,
bicho no âmago seguindo
a vida dos antigos,
ontem hoje sem nome,
amanhã sem sobrenome,
quebram, secam, quebram
nos dedos grossos nós
esse calo não extirpo.

EMBARQUE

O que deixo: verde solidão da raiz ao cabelo.

O que deixo: vértebras do tempo, desigual fermento.

O que deixo: bala no verão, cobra no inverno.

O que deixo: gemido e agulha ensacando ventos.

O que levo: frutos de ouro romaria e desterro.

O que levo: sonhos e erros do horizonte maciço.

Da árvore e seu resumo os vícios do mundo medos e sonhos no velho pensamento.



OS BICHOS

Salve, reino animal: Todo o peso celeste Suportas no teu ermo. Toda a carga terrestre Carregas como se fosse Feita de vento.

Carlos Drummond de Andrade

JACARÉ

Dentro do tempo vil a fome só é fome porque cresceu antes. Apura o estilo o deslize que corta. Não há o encanto contudo és voz aos nacos de dia e de noite.

GALO

Melhor tê-lo no seu clarim da aurora Anunciando claras madrugadas, Observá-lo rubro com bico e espora Nas rações benditas, multiplicadas

Por mãos de orvalho, telúricas na hora Sem rinha e rude medo das caçadas. Melhor senti-lo nos quintais de outrora, Pluma escavando o verde das jornadas

Do que encontrá-lo na multidão rouco, Incolor pelo alto, no asfalto louco Ou sabê-lo solitário das noites

Que passam sempre anônimas e tristes. Vê-lo, assim, emudecido na sorte Imutável que o tomba para a morte.

CORUJA

A noite converte aqui nestas penas fome e agouro. Emergem do inverso o que me sustenta breu e silêncio. Assim me habitam com um vento frio aqui nesta greta onde a morte espreita.

GATO

O sonso no ócio em abafo de garfo lá se foi o pássaro.

O gato e seu olfato, o gato e seu miado, o gato e seu sobressalto.

De fogo em fósforo é o eterno eriçado riscado num átimo.

MORCEGO

Minha voz é a voz que carrega a mata escura, minha asa é a asa que peleja contra a noite, minha fome é a fome que voa cega e assustada, meu verso é o inverso que me carrega em cio e treva, minha busca em que me busco revela-se na face obscura.

MACACO

A mata saltando na alegria torta.

A mata sorrindo na careta anda.

A mata caótica na vil cambalhota.

Debaixo da lona.

SAPO

Será que pode existir algo mais tenebroso do que esse canto rouco clamando ao breu da noite que o homem nesses confins cultivando solidão e susto não passa de um bicho estranho?

BURRO

O burro carrega fardos e espumas.

O burro carrega sonhos e tropeços.

O burro carrega sombras da estrada.

O burro carrega o verde das distâncias.

O burro carrega a hora da agonia.

O burro carrega o ventre de tudo.

O burro carrega a imemorial seiva.

O burro carrega a trama na cangalha.

O burro carrega mapa nos cascos.

O burro carrega farol na encruzilhada.

O burro carrega passos inconscientes.

O burro carrega a solidão derrotada.

GRILO

Inútil sustentar
por dentro a parede
que ele empurra por fora.
Desafinado realejo
moendo solidão.
Urde a teia finíssima
de meus abismos.
Fere-me na noite frágil
de meus silêncios.
Alcança-me no atrito
de minhas escuridões,
perfura-me no grito.

CAVALO

- A régua, o compasso, o relincho o entrelaço - recorde-se.
- A sela, o mapa, os faróis, a bússola - resguarde.
- A forquilha, o bote, a agonia, a sorte - indague-se.
- o rebenque, a brida, a espora, o cabresto - apague-se.

E o vento contemple

na estrada que responde: ele. Flor quadrúpede, o cavalo.

CÃO

Comigo repetindo aurora andarilha, fauces ofegantes, faro apurado, fome longínqua, coito na terra, vigília na treva, solidão delirante. Cão Cão Cão uivando para a lua nesse vento frio da noite calada.

OVELHA

Baba sombra sabre vaga desse fogo estar inocente flor bote sina silêncio pecado ser balido manhã enraia capricho fio desse torso tece verão tão brilho bailado lá lã luz belo belo belo

II
O sabre baba
à sombra o balido,
arremesso certo
desfaz a relva
em auroras de lã.
Dói o desfecho.
Que poder te rege
secreto no capricho
da natureza tecelã?
No dorso da manhã
o sol vem dizer
lã luz linda lá.

PREGUIÇA

Nasce, come, dorme.

Cresce, come, dorme.

Cria, come, dorme.

Na mesma árvore pende e morre.

ONÇA

A onça tem a vértebra quebrada no repertório da pata

A onça tem o pulo cronômetro no arremesso da pata.

A onça tem o faro da aurora nas manchas lendárias.

A onça mama o leite da noite nas cavernas escuras.

A onça é o hálito podre na boca ávida de terra.

Mastiga flor selvagem, no alpendre descansa.

RAPOSA

A vida normal, abafo e garfo. Na jaula a fera sem graça.

II
Ou se quiserem
lá onde a selva
respira sua fome
a morte prende
na agulha dos dentes
a luz do dia.
O grande drama
está presente
por inteiro
como um fato natural.
Na jaula a fera
sem graça
ferindo os ares
da boca banguela.

URUBU

Olho voraz no azul,
vaga destino negro
nas bodas da morte.
Diariamente arde
bico sobre bico.
Devora matéria
em mil disfarces.
Crespo ofício,
de um lado ele,
guarda-chuva ao sol,
do outro estamos nós,
no fundo do tempo medo.

PORCO

A graça redonda não impede o dono de cifrar sabores, o dia gordo do focinho ao rabo, o dia viçoso do toicinho ao lombo, em faca e pescoço o dia gozozo, balança lambança unha orelha ronco fumegando no bolso.

CABRA

Na cabra tudo soa perfeito: o sol vermelho, a rosa no ubre, o esguio casco de alpinista no cardo. A memória do couro é o que me abala, no varal do tempo signo indecifrável.

GAVIÃO

Adunco o terraço na seta certeira embora alvura tombe no sangue de rosa animal além o azul perdura inocente.

TATU

Medieval soldado em cauta couraça

eis que combate: onde a espada, a lança?

atritam-se na armadura a noite e sua fome.

CURIÓ

Com a mata ao redor calada, esse músico pingando ouro em tudo é o paraíso começando de novo?

PAPAGAIO

Vem dos confins verde algazarra, galhas explodem numa luz sonora. De azul e branco leva nas asas a tarde curva. Em nuvens ouro papo polvilha. Voz obscura todo de roxo se cala.

BOI

A nuvem, a ave, a brisa, o bosque, o sabre, o salto, o coito, a clave.

O faro, a fera, o chifre, o coice, a cerca, a canga, o laço, a lança.

O dono, o doido, o baque, o abate, o quilo, o c/ouro.

Na lata a pasta, no ocaso a queixa do verde ecoando.

COBRA

No rastejo
zigue
zague
ante
sorte
a forquilha
o bote
o corte
a cobra
a relva
o mundo
o vento
a ordem

VAGA-LUME

Vejo as mãos catando verdes lanterninhas nas moitas da infância com que emoção olhinhos da noite quase tontos de sono piscando-piscando.

GARÇA

Vertical foto, pose pernalta, pesca a manhã, gesto de garça.

Noiva do azul, em mim asas da campina amada, canção de garça.

ACAUÃ

Queima a brasa, fome e sede meus temores. Anuncia a chuva nos anseios humanos do fogo verdejante. Bem ou mal-estar como me transtorna nos ermos do que sou.

MICO-LEÃO

Surgir de manhã, veja, que lindo, a cara dourada.

O assovio fino, de longe e de perto, chamando o bando.

Enche os dentinhos de risinhos alvos, os olhinhos vivos.

O bigode treme-treme quando a frutinha come, tudo espreita nervoso.

Se avistar o homem, de galho em galho, haja medo na fuga.

Neste verão prossegue com a ave na mata animada?

Ou de repente num salto mortal some para sempre?

JUPARÁ

A trama de um viço em busca de mel que a noite esconde no fruto cor de ouro.

Na mata não há cheiro melhor, nem mesmo no céu doce tão doce.

No que plantou rindo à toa, no que madurou bebendo o suco.

Sem cobrar nada pelas produções no saco do dono - a lenda conta.

^{*}Macaco das matas e plantações no sul da Bahia (N. do A)

BORBOLETA

Crispar de crisálida em hesitante enredo com fina saliência. Néctar aos voos em frágil ventura carícia de antena, seda em cores que o ar ilumina.

LONTRA

Cobra ou onça de água no cio?

Abocanha o peixe mergulho esguio.

À bala pressentida driblando no rio.

Luxo de procriar pelo escorregadio.

Maciez de capote desde que surgiu.

BEIJA-FLOR

No corrupio, no fru-fru, de flor em flor, aviãozinho de Deus, minifrescurinha de ventilador.



AS CIDADES

Homem não é de pedra Nem de areia Homem é o que mora No que semeia.

Francisco Carvalbo

PORTO SEGURO

Mastro assinalado
de gente remota
aqui chegando
por mares e ares
nunca dantes navegados,
escutou a fala
uma gente submissa
no porto seguro
de brasões no ardor:
- O amanhã eu sou!

II eu na fonte (nativo adormecer)

eu no longe (caravelo despertar)

eu no monte (surpreso amanhecer)

belo longe belo horizonte belo monte

eu infante eu na ponte eu gigante

ILHÉUS

Chegando de surpresas pela praia, Navegava meu barco nos teus mares, Ao vento triunfavam jubas brancas, De peixes multicores a enseada

Ofertava-me prata pelas ondas, Cantigas de sereia no meu peito, Nos meus olhos raras águas-marinhas, Soltos meus cabelos em verde brisa.

Ao teu porto, hoje, capitão retorno, Entre naufrágios e quilhas suicidas, De vagas sei com tigres ressentidos.

Nas dunas não me importam os encalhes, Busco-te arquipélago nas espumas, Na força do amor todo azul navego.

BELMONTE

Casas de palha,
casas de telha
e os coqueiros
e os passeios
e os quintais
e o rio Jequitinhonha
com chejas de assombrar.

Debaixo de ruas e casas um dia estava o mar, cancha, esponja, coral a "baixa" tinha peixes em vez de passarinho antes de alguém chegar.

No quintal daquela casa era o bosque da sereia, vivia com o seu amado, o rei dos peixes do mar, canoas por cima passavam, barco com gente e rede, jangadas de pescador, velas ao sol e luar.

O sonho morou no fundo do mar que um dia secou deixando no seco o farol e restou a areia só, contou-me Sosígenes Costa, um rei das auroras de lá, que sozinho em sua ilha, cercado de pavões, tocava estranha lira, nos jardins da ilusão com vinho e papagaios, esmeraldas e rubis bebia a tarde linda.

CANAVIEIRAS

Longínquo verde do bugre, longínquo verde do mar, longínquo verde do madeiro,

longínquo verde das canas dos Vieiras, longínquo verde dos casarões solenes longínquo verde do primeiro cacaueiro,

longínquo verde no musgo da parede.

ITABUNA

Encontro-me no verde de teus anos, Como sonho menino nos outeiros, Afoitas minhas mãos de cata-vento Desfraldando estandartes nessas ruas.

São meus todos esses frutos maduros: Jaca, cacau, mamão, sapoti, manga. E esta canção que trago na capanga É o vento soprando nos quintais.

Quem me fez estilingue tão certeiro Nos verões das caçadas ideais? Quem nesse chão me plantou com raízes

Fundas até que me dispersem ventos Da saudade e solidão? Ó poema! Ó recantos! Ó águas do meu rio!

ITAPÉ

Estreito d'Água, mata mandinga da negra Anastácia.

Noite tocaia vida caindo no estampido,

Descem tropas, chegam boiadas, mais cangalhas.

Vejo trilhas, casa escorada, vento na fuga.

Ar parado hoje, o dia ocioso, a mesma boca da estrada.

COARACI

Cinturão de cipó, água na cabaça, cama de vara. Ressoa na légua machado e onça, bala no rifle da manhã recuada.

Laudelino, João Monteiro passos contra a noite no desamor da mata.

Solidões do rio Almada.

CAMAÇÃ

Certo pássaro distante canta no meu peito a fuga do vento sem rumo certo, o horror do sol vendo as águas na mancha que envergonha. Atravessa-me nestas ladeiras a flecha quebrada, dispersa nas cores, cheiros e sentidos de todas as manhãs, a bala que baniu da taba a dança em dó e lágrima até o último gemido.

BUERAREMA

Imagino a manhã acordando a mata no beijo aranha, macucos nos galhos repetindo a festa de verde animada. Imagino a lágrima da flecha quebrada do que restou na taba. Tua infância no alto divisando a planície o jequitibá e a lua em carícia de prata. Primeiros cacaueiros. o suor na picada, teu rosto de cipó em mãos calosas. Imagino o burburinho, feirinha do Macuco com poeira ou lama. Imagino o sono cedo com a janela aberta, o frescor silvestre que tudo embriaga. Vila do Macuco luz de candeeiro. ruas de qualquer um, o cochilo das casas.

Imagino a inocência na manhã de mescla, no calo da botina, no chapéu de palha, no rosto de ruge, no laço de fita, na flor no cabelo, na saia colorida, no cheiro de goiaba. No primeiro carro sacudindo as ruas imagino a graça.

ITAJUÍPE

Ao revés da mata a terra rica visga a cidade vida afora.

A cidade carrega na garupa infante algumas casas, a maior madrugada.

A cidade empaca na estrada monótona, os dias mastigados de cacau e madorna.

A cidade comenta sequeiro e cheia do riozinho zangado no batente das portas.

A cidade reza na igreja simples, em adorável relva ovelhas pastam.

A cidade sitiada na colina branca, com saudade e cruz a paisagem oculta.

IBICARAÍ

Gado de Minas, gado das horas, escuta: no barracão palestra brota.

Eh! boi bravíssimo irmãos Marques laçam, homem é o que ferra nas ancas da aurora.

Calixto Roxo, a chuva toca piano nas folhas, homem é o que amarra uma fita na caipora.

Fiel Assis e o padre, duelo no cio de lâmina, homem sobretudo brasa viva no ventre da amada.

Nos eventos da rosa índio facão cobra, homem é esse mistério no pasto da memória.

URUÇUCA

Cadeiras na porta, os gringos no gamão, trem da Great Western sacudindo as calçadas.

Mulher janeleira, uva na parreira, meninos na bola, golaço na vidraça!

Burros que tocam riqueza vegetal, guizo e chocalho na festa da rua.

Domingo azul o velho na rua apertada revê com o vizinho a idade das águas.

Repique do sino, sanhaços no verão, banho no riozinho, talhada na jaca.

Fora tão magoado o adeus da moça, rosa era o jardim do colhedor de aromas. Sob os passos da noite, luar de prata a praça, um bandolim que sonha, longe a triste flauta.

UBAITABA

Aqui também o ouro vegetal bate nos dentes, adoça na boca, adorna a roupa, o telhado cobre. O Rio de Contas toca sua música eterna que passa. Sem este prodígio dum fruto tão fruto tecendo manhãs, a constante viagem tão fruto areia e água pobre a tua história. Como serias tu, Ubaitaba?

IPIAÚ

Lá onde respira o tempo temperado de cacau e gado o comercinho novo elabora o poema, elabora os gomos, elabora o suco, elabora a casca, elabora a cor, elabora a semente que elabora tudo.

Sobretudo é o mundo que seduz no couro, que visga no fruto, nos pés descalços, na espora de ouro, na semana idêntica, no primeiro vagido, no segredo do morto, na missa de branco, na missa de luto, no bêbado xingando.

Na ponta do laço, na queda dos maduros, na voz de Euclides Neto, ó boi na cintura, ó fruto no bolso, de arame ou plantado ó tempo oneroso cercado de tudo



OS TRABALHOS

Ay, que lección me dio com su trabajo el albañil tranqüilo.

Pablo Neruda

PADRE

Em surrada batina alpiste aos pássaros, migalhas aos peixes. O que mais emociona anunciar a estrela de todas as mãos numa só aldeia.

JAGUNÇO

Pacto com o demo ao gatilho atento do cão estampido na vida caindo. Traiçoeira invenção do ouro na curva. O fruto estrebuchando é a árvore crepúsculo.

MASCATE

Lâmpada mágica do Líbano, tafetá, tapete persa, seda rara, luar de gaza, alva renda, véu de noiva, broche de ouro, tiara, lindo anel de brilhantes. rico colar de esmeraldas, perfume, linho, porcelana, revólver, rebenque, espora, saudade tanta acalenta, há estrela à sua guarda? Onde os pais, irmãos, amigos, doce amor da bela amada, orante Alá quando acorda? Cangalha sonho sacoleja árvore de ouro brilhando raiz, tronco, galho, copa tecedor de sol e chuva, dos vestígios que semeia sabe o sangue dos avós, bebelambe a madrugada.

TROPEIRO

Mapa no casco, passo de légua meu batismo. Dança de rua, silvo de aroma, sílaba ao vento. Safra no lombo, chocalho no peito, lama no queixo, em torno do fardo assovio e sigo. Duro crepúsculo, canga assim chego desprovido do guizo em armazém obscuro de bichadas amêndoas e igualdade de peso.

AGUADEIRO

A sua voz amiga na manhã límpida. Água do Mutucugê. Água boa. Fresca na talha.

- Quem vai querer?

Matava nossa sede no nascedouro da vida.

MOTORISTA

Na boleia do espanto o dia como a noite avançava nos rumos de poeira ou lama. A légua nos sumos sorvia aos solavancos. A rodagem pioneira sob o vento cantando. Dado de assombro por sorte a chegada para achar no final a mesmice escorada na vila dos confins enfiando a vidinha no sumidouro da (c) alma.

FOTÓGRAFO

Admirou o rio tirando foto da lua. A vida toda buscou a reprodução exata dos seres e coisas. Finalmente soube da imagem mais clara o que a mente grava.

TOPÓGRAFO

Sobre montanha e rio até onde o sol encurva meus limites planto, divisas do vento no posterior assombro. Ontem hoje o nome, amanhã o sobrenome, grau ávido ângulo onde tudo busco, só e pó azimute poucos palmos ser esse chão sem nome.

PEDREIRO

Meu suor traço em nível e prumo, tijolo sobre tijolo meu ser amarro. Com paciência areia e cimento desempolo e subo. Fundação e andaime em torno das estações é como um esforço. Eu falo das mãos peripécia de parede na origem das coisas ninho quente e puro.

COVEIRO

Sem poder parar a dança que não descansa da sinistra pá.

Sem poder achar a chave desta porteira no lado de lá.

SAPATEIRO

Velhos mestres educando pelo couro. Bota, sela, gibão, cinturão, rebenque, sapato, sapatilha. O ato bovino adereço paciente/competente. Sesmaria de freguês do rico ao pobre. Faquinha e martelo ao cabo dos anos. Agulha e mugido fiando os ventos.

ENGENHEIRO

Da ampla noite hostil arquitetura afronta-me o passo em régua e compasso. Viagrária e cálculo riscam o meu ninho que me equilibra em planta concreta, canto que desato no espaço ocupado. Carrego nas origens botas de chuva encharcadas de sonho. Nas vigas do tempo que contra mim investem a minha verdade pura.

LEITEIRO

Uma canção pura a nutrir a vida mansa para todos. Mão sem mácula, manhã sem mágoa, do gesto generoso nunca me esqueço. O tom suave e puro na extensão da pele matando nossa sede na cidade clara.

ALFAIATE

Pijaminha. Calção. Calça curta. Farda. Calça comprida. Paletó. Terno preto.

Nas mãos caprichosas o tempo paciente sempre costurava suas medidas exatas.

AREEIRO

Areia sem a pá não seria dádiva, a pá nada seria sem a areia, casas cochichavam. Nessa coisa suave entrelaçada de cores quando a noite finda ajoelhavam as fachadas. Tomavam a bênção ao velho rio, ao homem levando os dias nos jumentos comovidas agradeciam.

LAVADEIRA

Espuma de rio colorido batendo roupa nas pedras.

Frescor de mãos ribeirinhas ofertava-me a aurora líquida.

A pura mentira dos sujos, a pura verdade dos limpos.

CAMPONÊS

Velho açoite, veia forte, triste corte, verde sorte, valão a morte.

CARPINA

Enxó, plaina, formão eu sou o usual saber das horas e seu fazer do constante coração. Valho o meu encanto, carnadura polida que me desvenda relevo e geometria do tempo inerte no milagre da mão. O canto que refaço do ritmo por saber-me em que macio me escavo modula o meu retrato.

PINTOR

Por esta mão gasta o hábito aprendido diversicolorido. Mais que isso verte telúricos sentimentos quando a hora chegar dos campos findos de ouro a alma avivando na sala do verão tão fruto com paisagens e rumores.

CARTEIRO

No que veio do que mais amava no que se perdeu do que mais sonhava por dentro das linhas em que me colho do que soa mais alto da vida que foge bom é o que escolho ou o ritmo do voo? O mundo pois é asa, todos os dias voa das cartas!

SELEIRO

Numa casa de couro morava meu avô. Sovela sola fivela alegria do criar. Mestria do fazer em lisa superfície sons cores cheiros. Montado nos vestígios por essas léguas macias estações, indícios dele que me investigam.

FERREIRO

Eu que me sei cravo no calendário, nos dias ígneos compartilho o casco.

Eu que me acho besta da vida, estrias no passo, carrego o empaco.

Ferido e solitário, sou também ferrado por uma noite escura quanto mais viajo.

POLÍTICO

Vasta fala o mundo assombra. Arrasta a praça, ruas que rufam. Aos incrédulos a todo vapor um vento assopra. Morre o homem fica a fama.

PESCADOR

As escamas azuis na rede da infância, antigos pescadores traziam as canoas carregadas de peixe.

Hoje malhas longínquas na tarde sem voz pescam lembranças.

JORNALISTA

Rosto no papel meu ritmo deflagra, ave solta no olho a notícia exata. Vem de Itabuna maior emoção, II Grande Guerra do amor vitória. Ao redor da lágrima o mundo todo canta, na pequena cidade os sinos tocam para que a vida seja sempre amiga, seja sempre livre seja sempre mansa, seja pelas ruas a canção mais branca.

PROFESSORA

No quadro-negro o tempo escrevia ser preciso urgente o hábito do a-bê-cê. Munir a ideia de luz penetrante para pesar o ouro além das aparências, projetar o sonho nos confins do porvir. No amanhecer da terra com a alma bruta não demorou muito a semente estar no verde e colher rimas ricas.

MÚSICO

Encanto de som vem da filarmônica, na praça o povo êxtase de onda. Prata do clarinete, ouro do saxofone, flor da flauta, riso da tuba, brilho do pistão, diamante da caixa, o voo na valsa.

MÉDICO

Rimando a morte nas terras do sem fim. Ele no burrico encontra a mata mal o sol desponta. Sem pressa prossegue na estrada útil. Na pobre valise onde a vida dorme duelam até hoje o dia e a noite.

ESCRIVÃO

Saibam quantos esta solene escrita virem de que dou fé em estações de mim mágoa na lavra, desiguais divisas os dias na avidez instaurando o reino do fruto e sua ilusão a comandar ventos no visgo da sina em trilha e (a)talho o poço da alma.

ADVOGADO

Eis meu verbete
a quem se abaixou
neste chão verbal
verde o sinete
deslinda os cipós
a terra limpa
em chuva ritmada
fecunda o sol
os raios cônscios
dos agoras e manhãs
na pauta o julgamento
o mundo desses crimes
os porões e sonhos
de minha própria lei.

PROMOTOR

Acuso

o céu que tosse o rio chorando água a lágrima da árvore o índio extirpado o negro açoitado o menino algemado

Proclamo

a semente profunda da humana alegria dos dias no azul o rosto cor de rosa o calor das mãos nesta flor sonora

JUIZ

I
O saber equilibrado,
resistente a espada,
a balança serena.
Decreta-se a solidez
do fruto sem estocar
o dano no pântano.
Qualquer lide telúrica
com o ouro da lei
decide-se o dia incerto,
não com a bala na capanga.

II
Sem essa hora
não sou um homem
real, verdadeiro,
preso eu me acho
nos próprios nós.
Sem ela não sou
sequer a trégua,
dona da relva ela,
decifrador de céus
irados eu galopando
reinos conquistados,
nas raízes do cacau
ponho minha voz.

OFICIAL DE JUSTIÇA

Pés no chão custando-me anos na aurora da bala. Solidão e fome no açoite de chuva. Trunfo da manhã o verde na légua brotando o desarme. Como ouro nasce fornalha sólida homem e fruto. Céus dos reinos conquistados assume no campo salpicado de flores.

FAZENDEIRO

Retalha aurora sabre da voz, no orvalho o baronato, calo (r) do mel é a campainha, ladainha da hora mais espessa, sonora nuvem sobre a agonia de um fruto da raiz ao céu.

DOCEIRA

Velhas doceiras cativando com açúcar. Só de lembrá-las me dá água na boca. Minha mãe uma delas. Mel, suco, geleia. Por suas mãos divinas as amargas nunca.

COMERCIANTE

À beira da estrada distâncias guardam nas veias o sonho.

Ao pé do fogo sombras ancestrais o barração estoca.

No burburinho bebe o sortilégio com poeira ou lama.

Na avenida o modo das mãos estipular o mundo.

Na gaveta a metamorfose do tempo com as marcas da volúpia.

GUARDA

Revólver atento, noite ladra presa. Nosso herói apita, vento de lugar muda. Ladina aliança do medo e sombra não incomoda o menino na cama pescando estrelas da noite mansa.

TIPÓGRAFO

Junta as letras, separa/classifica o coração do homem pedaços da vida, o preto no branco o coração da prensa. Gota a gota para e atualiza, repete e volta nesta mancha, vive e esgota no suor do dia como se estivesse de compasso e fadiga.

CORONEL*

O que plantou a vida inteira, colheu o fruto a vida inteira, pesou os confins em cima da grandeza. Com unhas de águia criou sentidos, pontes, cidades. Ouro no terno, bigodes retorcidos em cima do bom, com ânsias e solidões saltou para o álbum. Tem o privilégio de preservar o traje, a pompa, o mando dos ventos primeiros nos ossos do tempo.

^{*}Dono de fazenda de cacau com grande produção, tendo adquirido a patente da Guarda Nacional (N. do A.)

CARVOEIRO

O olho preso na mulher e filhos, os dias onde mira o céu carvoento. Não vê a hora de limpar a nódoa. Como fazer se vive de luto que engana a fome e adormece a tristeza?

CARROCEIRO

Vendo o burro ceder com a carga dos anos grande a dor no peito que desapareceu no rio. Clara noite via os dois conversando nas margens doces, banhando-se nas águas mansas. nas ondas viageiras do sonho homem e animal como prata.

CABELEIREIRO

Nos que condenam
e absolvem a mulher
do delegado amando
o soldado jovem
um tiro fere a noite.
A vida faz a barba
cheia de êxtase,
apara o cabelo
roendo o que percorre
no Beco do Fuxico,
penteia sua onda
o tempo inútil.
No frio do morto
mostra com pontaria
o que é azar, chance.

AÇOUGUEIRO

Duro fardo ao cabo gume afiado corta, mãos e vozes barulham na madrugada rubra, canto de minha rua. Distraído o menino com as cores do dia que passa no passeio naturalmente inocente.

COZINHEIRA

No prato o feijão do bicho-papão,

na panela o carvão da vida de cão,

do cabelo à mão calo e canção,

no país dos frutos de ouro cama e mesa do patrão.

PADEIRO

Café e pão, o calor daquelas mãos.

Leite e pão o alvor daquelas mãos.

Queijo e pão, o frescor daquelas mãos.

Açúcar e pão, a doçura daquelas mãos.

Suor e pão. O fervor daquelas mãos.

No país do cacau o sabor daquelas mãos.

Na manhã que se propaga aquém e além do chão.

TRAPICHEIRA

Mãos perpetuam resina nos poros, poeira no cabelo, dores nos ossos. A carne penetrada, tecendo os vincos sob o rosto calado. Tudo se despede nas cicatrizes costuradas. Os olhos dizem da voz presa na boca murcha.

VERDUREIRO

Os dias verdurados continuam no menino colhendo coentro nos passeios, abóbora nas valetas, couve-flor nos calçamentos.

O universo bastava no hábito do tabuleiro.

Ah, viver era o verde nascido todos os dias na voz do verdureiro.

CANTADOR

Para Minelvino - em memória

Já andei por mares de cidade grande, vi medonha selva, triste pelos ares.

No céu de cimento o sol se esconde, no asfalto assalto, de repente a morte.

Tanto canto torto, tanto susto, soco, de buzina aflita tanto peito rouco.

Sei de outros pássaros, cantigas de rio, aprendi com os bichos o cheiro do mato.

Sou da terra verde onde a amêndoa doce dos frutos dourados faz o homem amargo.

Dá o mel a poucos, dá o fel a muitos, geme no meu peito este vento forte. Sigo minha sina de viver cantando, na roda do tempo é o que sou de fato.



OS TRANSPORTES

Devo fazer um poema Em louvor dessa estrada, Com todos os bemóis De minha alma lírica...

Jorge de Lima

CAMINHÃO

Se faz sol, se faz chuva. no asfalto, na buraqueira, meu caminhão minha montaria. Caso seja longe, caso seja areia, faço meia-volta, ele resfolega, faz volta e meia. Vai e vem, vem e vai. Carga pesada, braba, bruta, feroz, baixa verde, serra, brejo, mata escura, só ele que faz, ele se alumia, ele se apaga, vai com Deus, rola na curva triste da estrada, dormes em tua sina, para nunca mais.

NAVIO

Conversas de macho a noite misturava. Olhos no mar. Estrelas contadas, estrelas perdidas. Café com bolacha servido em caneca. Na viola do peito Félix Severino Do amor Divino cantava baixinho. Sem ninguém cantava.

CANOA

Açoitada no temporal.
Romaria e oferenda
no colo da Mãe d'Água.
Pegando o peixe.
Cruzando o poço fundo.
Trazendo a feira.
A galinha, a semente,
o porco, o cão.
Correio das águas.
Levando o cacau.
Tomando banho de prata.
Remanso em carícia de lua.
Deslizando como folha
no amanhecer fundamental.

MONTARIA

Serra, atoleiro, ventania, pedregulho, aguaceiro, matagal, despenho, negrume, assombração.

Nessas terras do sem fim com esses cascos benditos certeza de vencer a solidão.

ESTRADA

Cheiro de burro, cheiro de suor, cheiro de estrume, cheiro de urina, cheiro de cacau, cheiro de chuva, cheiro de carne-seca, cheiro de café, cheiro de caça, cheiro de fêmea, cheiro de luz, cheiro de luares de relva,

Cheiro de estrada...

Convivem em mim todos os cheiros da vida.

Cheiro da manhã, cheiro da mata escura.

TREM

Evém o trem, o trem evém

fagulhando, atritando, apitando.

Evém o trem, o trem evém

no vento, no verde, na várzea,

na ponte, na serra, na plataforma.

Evém o trem, o trem evém

na capanga, na alpercata, no cigarrinho de palha

na conversa tola, na conversa velha, na conversa mansa. Evém o trem, o trem evém

no vestido de chita, no cheiro de goiaba, no laço de fita,

no amendoim do moleque, no mingau de Vovó Maria Conga, no rolete de cana.

Evém o trem, o trem evém

no calor do maquinista, nas janelas abertas, nas nuvens brancas.

nos vagões, nas estações, na volta.

Evém o trem, o trem evém

chiando, balançando, resfolegando,

na aurora, na tarde, na fumaça

lá vai o trem...

COMPANHIA VIAÇÃO SUL BAIANO: SU (L) BA OU NO TEMPO DAS MARINETES

Ilhéus.

Banco da Vitória.

Fazenda Cordilheira.

Primavera.

Rio Cachoeira.

Itabuna.

Cacaueiros passando.

Apinhados de fruto

maduro nos galhos.

Beiradeando.

Jaqueiras.

Mangueiras.

Eucaliptos.

Marinete era o nome.

Viagem demorada.

Rotineira.

Barulhando.

Rangendo.

...aos solavancos...

Pirangi.

Banco Central.

Pedrinhas.

Dois irmãos.

Mundo Novo.

Serras azuis

A mata escura.

Madeira de lei.

Maçaranduba.
Jacarandá.
Vinhático.
Putumuju.
Claraíba.
Jequitibá.
Cedro. Pequi.
Louro. Baraúna.
Bicho nas copas.
Bicho no oco do pau.
Bicho de carreira.
Anos atrás
esturro de onça.
Casas de fazenda.

Gente no terreiro.
Barcaça aberta
secando o cacau.
Água de córrego.
Animais pastando.
Ribeirão forte.
Pancada formosa.
Praga no buraco,
Raiva cuspida.
Rostos suados.
Língua de fora.

Ferradas. Itapé. Barro Preto. Palestina. Ponto de Astério. Ibicuí. Iguaí. Nova Canaã. Mundo de pastagens.
Marinete era o nome.
Rota importante.
Fazendeiros.
Gente do mato.
Comerciantes.
Sacolejando.
Barulhando.
Aos pedaços.

Na Curva-do-Boi não escapou um só cristão... Buzinando na entrada, Casinhas sujas Espiando assustadas. Triunfo de chegada. O correio. A bagagem. O jornal. A mala. Carregadores no tumulto. O "13" era preto. O "12" era Felizardo. 0 "15" um capenga. O "16" branquelo. O "2" cobrava um cruzado. Meninos mercando. Rolete, Cocada, Cordas de caju. Cordas de caranguejo. Beiju de Água Branca.

O céu de teto preto. Depressão. Atoleiro. Curva. Despenhadeiro.

Ladeira escorregando.

Macuco. São José.

Pratas. Rio Branco.

Panelinha. Camaçã.

Santa Luzia. Canavieiras.

O motorista botando fogo

pelas narinas.

Passageiro enfezado.

Passageiro rezando.

Condutor equilibrista

aguentando os tombos.

Marinete era o nome.

Pontilhão. Ponte.

Descendo a serra.

Cruzando o vale.

Subindo o verde.

Alegria dos lugarejos.

Modo de acontecer o dia

Na alma das cidadezinhas.

Religiosamente.

A estrada sinuosa.

Com poeira ou lama.

TROPAS

Festivas carregavam-me pelas ruas coloridas, percorriam meu sono com o ouro dos cascos, de prata as trilhas, de guizo os atalhos. Sem rebenque e espora com incríveis chocalhos desapareceram na curva. Das estradas sem fim por que não retornam?

AVIÃO

Comenta-se o grande susto quando viu o homem estranho tendo no peito o motor, hélice no rosto de girassol, nas nuvens o pássaro.

ALVARENGA

Levavam cacau
aos navios na barra.
Meu coração no azul
ia e vinha nas vagas.
Madalena, Mirabela,
Açucena, Janaina
Nossa Senhora da Vitória
Por que deixaram
no cais sombras?



AS IMAGINAÇÕES

A noite chega mansinho Estrelas conversam em voz baixa. Brinco então de amarrar uma fita no pescoço e estrangulo a cobra.

Raul Bopp

LENDA DE BOIADEIRO

Rebenque de nuvem, indormido arrebol.

Arreio da aurora na porteira bateu,

Lonjura de lei orvalho acendeu.

Amada armadura, cruz no chapéu,

Laço de estrela, ração de relva fiel

Incandescente gibão desfaz fero covil.

II Luar de boiada, diadema de couro,

certeza de lança guerra vencida,

galopa arco-íris sinete do céu,

mais veloz que o raio, quem há que o pegue?

DEUS

CANTO A NOSSA SENHORA DAS MATAS

Já estão alegres os bichos da bem-amada nas serras. chão de cardo brota a flor, tronco morto vira árvore. o gavião manso amanhece. Tudo é canto pelos ares, lábios que o beijo acendem no sejo fresco da mata. Tom suave adorna o dia. ramo de luz sempre verde. Jasmim tecido no sonho, fruta doce no colo virgem. Riacho quando mina na pedra passa sereno na baixada, nave da noite com a lua no areal derrama prata. Formosa serrana, diáfana, não há trégua nesses ais, cardumes morrendo à toa. a cachoeira chorando suja. Sob as asas maternais acode o sol pálido que tosse, o índio extirpado da taba, os passarinhos na gaiola. Arminho protetor do filhote, dia de flor de laranjeira, na haste suspensa e leve reabre, senhora, passo de baile do beija-flor com a rosa.

Já não sai do oco a coruja, do azul a garça como noiva, carcará não pega, mata e come. Jacaré não choca na lagoa e a memória do couro abala o meu ser ferido de desejo das águas puras e profundas. Mastruço, capim-santo, alfazema, alívio de repetidas penas, cura-me dos grandes clamores nas visões da flora exilada, nas ruínas da fauna sombras. Desde nosso irmãozinho grilo na relva da macia madrugada ao rumor azul das andorinhas quando vinha a Primavera trissando a manhã luminosa. A alma flamante dos girassóis e o sabor das goiabas maduras. Quando a mata for deserta, não mais se colher a flor, o rio se esconder da chuva, a terra dormir amarga e de Deus não cair a lágrima será esta a triste música? Nessa luta contra o mal pelos quatro cantos do sol, pelos quatro prantos da lua, te fazendo verde nas nuvens molha a vida fera e solitária. Ó abelha misericordiosa. pousa em mim a esperança, em cada palma da mão

a operosa colmeia sonora. Guardiã do mico-leão. tamanduá-bandeira, chorão, quero-quero, preguiça, ararinha azul, anta. Embora fujam do verde odores do que me encanta além o azul inocente ressoa. Penetra-me de vento e chuva, hora telúrica de outrora. com que emoção bendizia mão cheia de rações várias, no crispar de casulo sopra ajuste de brilho na fábula, sinais de frescor na amora. Afugenta o raio assassino como a corça diante da onça. Diz-me: nunca mais! nunca mais! Equilibra frêmitos e lamentos, os animais vivem à sua maneira como simples notações do amor. Em teu percurso de planta o dia e a estrela clareia, desarma na capoeira o alçapão, apaga o fogo na queimada. Ó seda levando voz perfumada, sol, chuva, arco-íris, aurora.

LENDA DO FRUTO

I
Visões queimam
em Talzitepec.
Poderoso e sábio
Qualtzcault sou
voltas de um deus
no jardim ébrio.
Apetência do fruto
é que fia os céus.
Amêndoa que não morre.

II
Vendo o tempo
por sementes.
Ventos compro
por aroma.
Licor doce.
Bênção pura.
Cor e sabor
de mista moeda
no bolso e boca
dos que negociam
mundo que rebrota
no que me floresce.

III Mágico instante parir a flor dentro da selva ciciando escuridão. Teu parto épico para o ar e mar. Pulsa o coração um país inteiro, ouro vegetal de mãos crespas. Enormes dias.

É o tempo que tece as vozes no esforço. Mel escorre o sol Onde o homem perdura. Velhos cipós da utopia.

A LAGOA ENCANTADA

O sol aracnídeo na água ouro desfia. Numa cidade submersa canto de galos, navios iluminados. Ilhas se movem. peixes de fora dançam nas vagas, inventa o vento música de harpa. Brincam sereias verdes cirandas, de prata espumas rumor de anáguas, suave cantata oferta esmeraldas. Se a lua deita sob sete capas noite encantada quem nela pesca nunca mais retorna.

A CIDADE ABANDONADA

Mistério indecifrável andou pela Europa sobre ruínas e sombras de construções suntuosas, torres de elevada altura. ruas extensas e largas, de ouro arcos na entrada, de duas montanhas no ventre rio de pedras preciosas. Sopram milenares ventos memória de tribo loura. vasta riqueza virgem na floresta impenetrável relumbra cientista inglês, o cônego Benigno Cunha, um certo doutor Lubomisey. Imaginada ou real na trama com seus rincões e sonho de lua derramando prata, sol faiscando esmeraldas quem não reluz ao clima e intenta novas buscas?

A MOÇA E O GLOBO DA MORTE

Incontáveis cacaueiros certo senhor cultivava. com tanto ouro nos galhos que o vento já balançava, queria para a bela filha, com mimo e prenda criada, um marido de muito saber, um doutor de fina fala para a filha assim florida. vestida de véu e grinalda, era só o que desejava, ai, que já chega o circo e suas atrações na praça: domador de fera, mágico, equilibrista, trapezista, palhaço de mil cambalhotas, o homem do globo da morte girando na moto alada, o mundo nos olhos gira um sonho de moça prendada, nos quadris, seios e rosto sopram ventos na estrada, adeus, cacaueiros floridos pelas serras e baixadas que meu pai tanto cuidava, girando-girando a moto, na garupa a virgem amada, passam na curva navalhas, os capangas na perseguição

armados de punhal e bala, encobertos na noite turva. as faces cheias de raiva, rastejam corações amantes fosse dia ou madrugada, com o sangue ainda quente na ponta de cega faca, nas cruzes que ergueram bem na beira da estrada um gemia, outro chorava, em cálidas veias desatadas desamor venceu a batalha? Saindo das covas múrmuras viu-se um dia claridade de duas luzes muito fortes como eternas namoradas. iluminaram toda a cidade, aladas subiram ao céu e se fizeram estrela-d'alva.

O CORRE-COSTA

Punhal tecido de pranto dessa hora desalmada. iamais houve na África. vagas de sal soluçam porão na escrava rota. Um dia o mar revolto naufraga amara carga, salvá-la em troca da alma da filha e da esposa, ao príncipe das trevas, o preço do Corre-Costa, português embarcadiço feito senhor de roças. e plagas cacaueiras viram a terra estremecer, abismo esconder o sol, treva ficar de emboscada. chão recusar dois corpos, um da filha inocente, o outro da mulher amada, sangue aflorar à terra nua, demorado gargalhar de bruxa, uivo de vento na estrada. Na mata açoite inclemente, passos gemidos na canga, em pânico fuga das sombras. Conta minha avó memória que fúria canina só se afasta das serras e baixadas quando abafar na goela o choro da última alma.

CAIPORA

- É a dona da mata.
- Em toda parte anda.
- Num caititu montada.
- Protegendo as caças.
- Só se vê uma banda.
- Gosta de cachaça.
- De fumo de corda.
- Tá ouvindo ali?
- Tou ouvindo sim.
- Mato se quebrando.
- Vento assoviando.
- Lá vem ela agora.
- Deixe tudo aí.
- E vamos embora!

AMIGO-FOLHAGEM

Festa dos bichos no chão, Manhã alegre das aves.

Verde como cacau verde, O sol desfia ouro pelos ares.

Verde encanto de relva, Verde como o verde dos mares.

Verde frescor da mata, Verde sonhar da noite.

Verde luar nas folhas Verde estrelar nas flores.

Verde vento um velho amigo Que o acalenta quando dorme.

PRETO VELHO

Me ensinou, sim senhor, me ensinou, com sua figa, cachimbo e pó, o seu patuá, e fé maior escorraça Satanás e no mal dá um nó.

BICHO-PAPÃO

Ô Bicho-Papão, leve a bola, leve a cola, leve a lanterna, leve o cão, leve a espada, leve o pião, leve a atiradeira e o jogo de botão, leve tudo que é brinquedo, até mesmo o carrão, só não leve este menino que vive no meu coração.

BOI DA CARA PRETA

Eta sono bom apesar da treta, esse boi de ontem, esse boi capeta. O que mete mede É este boi de hoje, boi da cara preta...

LOBISOMEM

Danação da noite pela estrada escura, eu não tenho medo dessa voz medonha.

Dos olhos de sangue, dos dentes de faca, da língua de fogo, desse hálito podre.

Corpo de cachorro, maldição de homem, quando vê uma cruz, corre logo e some.

RASGA-MORTALHA

Em noite de luto parece dizer:

"Foi, foi, foi, não volta mais..."

Em noite clara parece repetir:

"Estou aqui, não vou sair..."

Enquanto no quarto o menino implora:

"Minha madrinha Nossa Senhora, leve esse bicho pra longe daqui".

^{*}Pássaro que vive nos pastos das roças de cacau, no sul da Bahia. De dia e de noite tem um canto esquisito, repetitivo e estridente. Acredita-se que tenha poderes para prenunciar a morte quando passa por cima de uma casa e solta seu grito estranho. Vive com até cinco elementos no grupo. Faz o ninho no chão. Conhecido também como espanta-boiada. (N. do A.)



OS RECANTOS

Cada canção é um remanso do amor.

Federico Garcia Lorca

FEIRA

Carne de boi, porco, carneiro, Arroz, farinha, feijão; Legume, verdura, tempero, Café, açúcar, requeijão.

Fumo, cachaça, sal, Rede, esteira, peneira; Cuscuz, beiju, mingau, Canivete, faca, facão.

Pente, espelho, perfume. Moleque, fruta, passarinho; Fita, renda, ruge, pó, Cuia, viola, ceguinho.

Do céu que vem ao chão, Dos que vendem no pregão, Dos que no burburinho estão, De todas as mãos canção.

CEMITÉRIO

Não é como no Nordeste onde o sol é hóspede da paisagem agreste janeiro a janeiro. Aqui nesta colina gado mudo das horas suavemente na relva escuta o vento que toca uma sonata e o ar ilumina.

SEDE DE FAZENDA

Café grosso amanhece em dedos de nódoa, carne-seca aipim na irracional calidez. Portas e janelas fortes abrigam o coração que não é sentimental. Água fresca na talha e a fronte confortada. Iluminação a querosene, vê-se em dureza a noite estas sombras lembranças. Na rede põe o que é, novelo do tempo suado, ser todo em cada fruto, assim em cada sonho fia, bebe, ama a lua que brilha porque rústica.

VILA DE FERRADAS

Pousam tropeiros, ardentes bebem, árvores ferradas, sílabas incandescidas dançam na aurora certamente braba. Ativo cacau ecoa balcão de ouro e bala, calendário em peso que um dia desmorona. Berço de Jorge Amado, poeta Telmo Padilha, epopeia e mergulhos, palavra à vida dá sonho. Rua na ladeira se espreguiça. Rio impune da mão que mata. Riscam passarinhos o vidro da manhã. Verde festa nos ares. Almofadas no céu que não tosse. Burro vagaroso. Menino brinca com os pombos. Quietude a praça.

CATEDRAL DE SÃO SEBASTIÃO

Subo os degraus e vejo da balaustrada formas do silêncio suspensas no espaço recriado pela razão geometria da tessitura humana.

Procuro esse milagre da santa batina doada sob o peso da abóbada. Sinto a flor do coração, outros a ela se juntam. Dom Eduardo presteza, Dom Eduardo amor, Dom Eduardo oferenda.

Vejo assomar na avenida a enorme procissão contrita sob cânticos. Mãos mestiças em emoção este agasalho edificado a São Sebastião flechado. Ó comovente provação, sinos anunciando a morte sublimada na paixão.

Terço escorrendo no peito, tríptico verso uni-verso, alentado pão de todos oferta essa praia bendita, essencial como um todo pela tábua das marés. Estes ares em que eu medito, roxos de paixão e compaixão feita alma, força e vida.

Ao pé do outeiro ninho de Deus que desceu do céu, uma rosa é uma rosa o que sustenta a base.

EM LOUVOR DE NOSSA SENHORA DA VITÓRIA

Tocai, sinos, tocai na primeira vitória de uma senhora santa contra o bugre feroz ferindo sangue ilhéu por mais de uma cilada.

Tocai, sinos, tocai na segunda vitória de uma coragem santa do humilde Catuçadas contra ávido francês e suas naves armadas.

Tocai, sinos, tocai na terceira vitória de uma guardiã santa que sofridos ais ouve e para longe da ilha expulsa flamenga faca.

Tocai, sinos, tocai enquanto houver na praça a noite de emboscada, eis que no outeiro moram a fé, a luz, a espada da santa da vitória.

IGREJINHA DE SANTO ANTÔNIO

Capelinha simples cabendo toda a cidade. Casais de namorados nesse perfume ingênuo trocavam bilhetes na pequena praça. Era o tempo alegre. Novena e quermesse onde o menino brincava.

CATEDRAL DE SÃO JOSÉ

Sermão de enxó na santa Sé, verde formão a quem vier.

Gestos humildes de carpina é toda a cidade nessa onda a pé.

Romaria essa, não marcha a ré, plaina com luz sal da maré.

Erguido o templo de São José, forte a canção de amor e fé.

OLIVENÇA

Ressoavam no peito leopardos Num som feito de luz, cor e magia, Por esses mares antes navegados O calendário na vaga esquecia.

O azul do céu em cima iluminava Mas embaixo era o verde que encantava Nessa brisa, no desfile de sereia, Nos meus olhos seduzidos na areia.

Certamente era o verde que vestia A flor pura do náutico coração, Ardentemente era o azul que bebia

O amor perfeito solto na canção. E me inventava com forte armadura Pra hoje resistir nos sons da amargura.

PONTAL DOS ILHÉUS

Descobria estrelas, mar, céu, canção De peixe ouvia na voz do verão, Rota que sabia de vidro, ardente De sol e de sal onde o navegante

Parava no Morro de Pernambuco Para o de São Sebastião um pouco Mirar e em ventos ancestrais voar. Praias do Sul, da Concha, sublunar

Hora do búzio vazando na areia Segredos inocentes de sereia. Escuta: o canto o azul estremecendo

É de teu pássaro de aço subindo. E mais: o apito de teu barco triste Pelo canal em busca do horizonte.

PAÍS DE SOSÍGENES COSTA

Estimado senhor Sosígenes, Eu ontem estive em Belmonte onde Vi no quintal daquela casa o mar, Me disse o povo de lá que ali Morava a sereia. Em noite de lua Clara sempre vinha te escutar Quando a lira ardente tocavas. Vi na manhã animada Tua luz sonora nas galhas E na tarde, caro artesão da cor, A emoção verde na algazarra. Aquele papo do sol que se acurva Polvilhando as nuvens cor-de-rosa. Mais lindo foi ver em teu joelho Pousado aquele pavão vermelho Entre suspiros e lampejos Reacendendo versos de amor.

SANTA CASA DE MISERICÓRDIA

Era preciso um leito na última agonia.

Para curar ou aliviar Era preciso um leito.

Monsenhor Moysés Couto sem hesitar dizia.

Faz-se a planta numa colina.

Canto de um dia novo andou na cidadezinha.

Santa casa que clareia, santa casa das dores.

Até hoje no leito duelam a noite e o dia.

CAMPO DA DESPORTIVA

- O drible de Puruca
- O gol de Juca.
- A defesa de Asclepíades.
- A falta cobrada por Leo.
- A matada de Santinho
- A investida de Fernando Riela.
- A bicicleta de Florizel.
- O torcedor Rodrigo Boção.
- O padre que era o juiz.
- A Seleção Amadora de Itabuna.
- Itabuna contra Ilhéus.
- O mundo ali andava na bola.
- Os roletes da Desportiva
- O doce mais doce que eu tive.
- Esse tiro na memória.
- O gol mais triste

JARDIM DA PREFEITURA

Estudantes esquecem a aula, namorados de mãos dadas, borboletas propõem a rosa. Como os velhos pelas águas arguo a linha do horizonte. Os enganos cativantes Ontem e hoje canto. Soltos ao vento por enquanto.

CASA DO ARTESÃO

Onde havia
ódio e grade
chamei o sol
para iluminar
o meu sonho.
Janela e porta
mandei abrir.
Todos viram
na manhã clara
as horas no fazer
a beleza simples
tocada de doçura.
No milagre da vida.

GINÁSIO DIVINA PROVIDÊNCIA

E floriam estações de teu verde no mundo, a cada manhã a palavra educando sem disfarce.

Muda naquela notícia do colega ausente, sem volta, que buscaste nas águas escuras.

Havia de sobrar em ti o tempo generoso com sons e cores de setembro que rufa

tambores compenetrados, em noite estrelada e, santo Deus, brisa da rainha no palco,

a tênue pele do roto, é flor, é flor, é flor. o coração se extasia, o coração vai à lua,

na Primavera flutua, ontem hoje brilho, perfumes, ímpetos desse escudo glorioso velhas brincadeiras em vozes tão novas de onde todas as notas querem escapar atônitas,

ontem, hoje, um sino vasto mundo anuncia em dedos de amanhecer com o mesmo intuito

florentes cânticos, no lá em desejo botão por dentro dos agoras e amanhãs,

Nos sonhos acesos arco-íris e lenços, melhor recompensa a consciência não dá

desaparecida no ser-estar deste verso e anverso, idos anjos, onde andais nos presságios submersos?

SEXTA-FEIRA MAIOR

Tudo é roxo e ofensa e perdão. A tristeza está nos ares, já anda pelas veredas e no perfume dos caminhos. No ocaso da saudade ao longe, na flor do cacau que é espinho. E chega à igreja a procissão. Tudo é clamor e cruz e paixão porque uma coroa sensitiva instalou-se em Itabuna com fadiga e sede e fome e escorre suas dores pelas pedras cor de vinho, mas no sábado tudo é verde e claro sem o roxo e o espinho. Os sinos repicam na cidade e um dia novo está nas galhas, no coro de milhões de passarinhos.

SÃO JOÃO

Tempo de flor nas bombas e foguetes, acender o céu com balões, rimar licor e canjica, ao pé do fogo a emoção quente crepitando afoita no peito.

NATAL

Tanta canção que subia ao céu com as proezas de estrela numa só mesa de todas as mãos que dentro de mim até hoje luz nos caminhos sem solidão o menino e a cruz.

OS RIOS

Rio do Engenho, Rio de Contas, Rio da Aliança.

> O eterno passa, linha e curva, o sono das águas.

Rio Pardo, Rio Gongogi, Rio Jequitinhonha.

> Uma só manhã bugre e ave, o baile das águas.

Rio Macuco, Rio Catongo, Rio Colônia.

> O lombo escorre o grito e a flecha, a mancha nas águas.

Rio Salgado, Rio Cachoeira, Rio Almada. Cantiga à margem, terra e nuvem, a dádiva nas águas.

Ó rios de minha terra entre pancada e réptil que águas vos leva?

> Que ciclagem vos repete nos dezembros desaguantes pois nunca se cansam?

RIBEIRÕES

Ribeirão do Jacaré

Ribeirão dos Peixes

Ribeirão das Lontras

Ribeirão da Capivara

Ribeirão das Garças

Ribeirão dos Cágados

Ribeirão da Onça

Ribeirão dos Índios

Ribeirão da Fartura

Ribeirão doce

antes que a mão

magoasse sem dó

apertasse o nó

na goela das águas

JAQUEIRA

A talhada, o sabor o visgo da manhã doce.

O esteio, o moirão, o cepo da manhã útil.

De cores e aromas, sombra e gangorra verdor e desverdor, houve uma árvore.

RIO CACHOEIRA

Havia o fragor de espumas, havia o verde das vagas, havia o tesouro na ilha, havia o areal de prata.

Havia margarida nas margens, havia borboletas no barranco, havia o sol na canoa, havia as fotos da lua.

Havia lavadeira nas pedras, havia andorinhas na vidraça, havia areeiros na música, havia pescadores na fábula.

Ao menino bebedor de poesia que falava com os peixes no mergulho certamente uma miragem que havia, sem saber de encalhe e caramujo reservando o pantanal de ventania.

O rio transpira claro nessa tarde Na voz que vem das águas sem alarde Dizendo que no leito antigamente O tempo conspirava no horizonte.

Se na manhã de azul era banhado Noturno o rio mirava o bem-amado.

ESTRADA ITABUNA-ILHÉUS*

Aurora que assobia em lombo de burro o verde tão verde odor das margens

Verão aos solavancos inverno resfolegando suba aqui desça ali à poeira ou lama

Embarca exílios ouro no eterno vozes do mato pés de nódoa

Cores do espanto cacaueiro que passa água que canta periquito no bando

De onde venho e vou no Salobrinho brasa verdejante saber novo dizer da lavra

É flor azul no céu noivado de flamboyants devaneio de acácias na mente dá voltas Banco da Vitória manso rio jiboia Ponto do Fundão mangue raiz de fora

Sentimento puro sobretudo ao imenso vendo o mar primeiro menino perde a fala

Viagrária no horizonte uma cidade noutra atando fruto à praia ventos da memória.

^{*}Atualmente Rodovia Jorge Amado. (N. do A.)

CEPLAC*

Impede o declínio no timbre nativo da memória e da raiz. Tempo de longas mãos, malhas várias no verde, o ouro mais ouro. a safra mais safra no que sou profundo. Modernizar os usos, salpicada a terra. Revertida a praga, afastando a noite que machuca as flores. É o tempo que evoco maduro nos galhos arriados até o chão. Este fruto na alma mesclado com força, visgo da vida paixão.

^{*}Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira, órgão criado pelo Governo Federal, em 1957. (N. do A.)

PORTO NOVO

Então eu vi quanto o verde faz desejos e provações. O homem gordo tremer em teu sal. Enfim no mastro o sorriso vasto refazendo navios, sereias no amor. Ventos e marés, o herói Demostinho, absoluto e belo.

UESC*

Safras do saber no Salobrinho produzem o tempo às esperanças. O espírito do homem é o que pretende soprar entre o ser e o ter. Juntamos as pedras, falamos com o outro, escutamos as árvores. os rios e os bichos. As nuvens ensinam em cada parede o sol e os instantes da chuva. De labor e leite de tal sorte verde esta flor na manhã ardendo de sonho, de novo na lavra é o que plantamos.

^{*}Universidade Estadual de Santa Cruz (N. do A.)

CHOCOLATE

Soletro teu nome, receita perfeita contra a tristeza, surpresa de ser em céu íntimo frugal recreio, esta música infantil recheada de anos somente delícias. Comes chocolate, o tempo verás adoçar a barba com o mais belo e feliz dos sorrisos. Teu nome ressoa mais próximo do que as estrelas. Príncipes e princesas do mundo que se foi retornam no mais doce de todos os recantos.



OS DESCAMINHOS

Ó morte, quão amarga é a tua memória.

Eclesiástico, 40-41

DO OURO VEGETAL CONTRÁRIO

A mais longa das horas não é feita de lágrimas, não tem sangue derramado, não conhece o meu signo, que arde e me nomeia, não se alimenta de insetos, não bebe solidões e utopia, não caminha com urgência, é murcha de prodígio e desprovida de navios, a mais longa das horas é a que pende da agonia.

QUADRO NA PAREDE

Para Walter Moreira

Afinal não frutificarão sofrimentos da terra. Sob o manto das estações estáveis invadem essas vozes fortes que te acompanham na peripécia duma árvore, ah, o coração tanto queria. Dos frutos que já foram ouro, tal evento aparece na sala para que contemples apenas a benesse desta flor na alma avivando-te com paisagens e cores.

POEMA DA VASSOURA-DE-BRUXA OU VERSINVERSO DA FLORA

Faca no peito da saga secularmente edificada me faz cego na amêndoa murcho fruto ensaca tarde puxada pelo roxo cauda de cinzas cobrindo campos que foram verdes o azul de lugar muda sombras somente sombras mito vazio nas barcas meu peito tinha música rua assoviava andadura cheiros sons sentidos em meu batismo de léguas manhãs de nada constato morta hora real e nua setembro soterra cores adere memória amaranto dores mugidos escombros de luto o calendário os dias cada vez mais vagos de medo pesam as asas para onde despojado vou nesta vaga onde a lógica? A praga, a praga, a praga, diz assim é quem sonha comete ao acaso ocaso das vastidões desoladas

vive solidões negras que me estercam na lágrima deserto da raiz à copa vassoura-de-bruxa ao cabo desse rito não mais safra pelas mãos da madrugada

da mata na picada da coragem flama fama da parição vasta alma das chamas na estufa

no versinverso da flora no desfazer insonoro da fauna da ilusão morta fala

FRUTO DESFEITO

Refaço vestígios do calendário rico.
Com que emoção o peito molhado,
o verde mais verde com pepitas ao sol
evidente e fervoroso. Na pele fulgor,
cheiro de resina destaca a flor
na flama do tempo. Ao regresso triste
do vento despeço-me num grande silêncio.
Cocho e barcaça sob um código murcho
que não desvendo. Amargo saber
que tudo aquilo no apogeu solar
dos frutos maduros hoje é espectro,
esgares corroídos, tanto se esquiva
nas fendas da sombra e nunca mais se repete.

OS (A) TALHOS

Em cada coisa o sol apaguei por te querer. Revés ensaquei nos anos. Meu dano nos armazéns para o meu uso largo. Olhos não se fartavam de abater sem dó. O talho na lágrima e o vento gemia. Até insetos comi para fazer cidades. Julguei que era assim a minha sorte lançada. Ávido coração no ter e gozar todo o prazer, desfrutar do trabalho. Aflição que me partia, meu suor multiplicava para adubar tua memória. Me acordava em teus cipós que nunca pude desatar, já antes existiram noutros sob as estações em vão. O que foi é o mesmo que há de ser por mãos grossas do ter ou não ter, O que se fez é o mesmo que se há de fazer na alma. Durante todo o dilema achei que eras uma coisa nova. E eras tão velho no signo que de mel me vestia amargor me nomeava séculos em torno de tuas mortes. Enquanto febre nos galhos amontoar-me pelas trevas. Debalde tudo debaixo do sol. O mundo sobre mim desaba esse vazio que tudo esconde. Concluo: a lavra justa é a que é dada de graça. Os maduros que caem, os verdes que brotam, sob as estações estáveis, substância do que sou feito. Todas as trilhas e (a) talhos o tempo sabe.Lambe e escorre.

PORTO VELHO

Sombras ferem essa voz cantando saudade na pedra. Mudos e frios os armazéns, vento atrita-se no ranger do sal. Espio os caminhos, não consigo achar o brilho dos navios.

INDÚSTRIA

Telhados e chaminés soam no pensamento motores do meu ímpeto, bens perante céus duráveis deste fruto. Sob as multiplicações manhã de máquinas. Nas vozes desta lata uma história velha tantas vezes sonhada. Estes anos sem nada, a não ser mortas fagulhas.

SONETOS SEM RUMO

I

Julguei que seria esta a minha sorte Desfrutar do meu trabalho no anel Generoso de teus ramos. Do mel Gozar todo o prazer até a morte.

Calo e calor em horas rastejadas Encheram o meu sono de agonia, Colher nuvens verdes e não ciladas De tua luz sonora o que eu queria.

Só, nesse deserto, depois de muito Arrastado entre sombras, fico vendo No chão cinzas de tuas bruxas soltas.

De aflição sei, o sangue nas disputas, A servos e donos do orvalho diga O vento sobre aroma em terra amarga.

II

Pensei encontrar o paraíso nas Terras do sem fim. Nas manhãs serenas Frutos dourados. Verdejantes veias Da vida retomada sem urgências.

Lá, no verde sem fim, perseverava No velho aprendizado da utopia Que me habita transpirando no hálito De pesares e rumos da agonia. Salpicado de flores, me queimava Em teu sol forte, ardendo o pensamento No ouro de tuas amêndoas. De tanto

Querer-te não reparti. De repente Eis que me encontrei, nos meus rastros, triste. Então vi nas mãos quanta solidão.

III

Falo das léguas com sua música Incandescente, da voz na crônica Lendo as estações em torno das rumas, Sonho que projetei dentro das brumas.

Falo do fervor na hora mais suada Que me esparramava, do ter ávida, Das trilhas pelo olhar que já não voa, Dos atalhos que um respiro magoa.

Da alma na constante canção impressa De nódoas, sumindo na velha queixa Daquilo que entardece sobre manchas.

Agora sob cinzas, no desamor Espalhado por vassouras-de-bruxa, Me calo sem saber para onde vou.

IV

Maior prova de que já não existo Está nos ares desse triste vento Onde bruxas com suas crinas soltas, Ao cabo de vassouras pelas pontas, Ceifam-me. Dias e noites sem dó Cobrem de sombras, deixam-me no pó, Lamenta o coração estremecido. Perfuram verão de outrora habitado

Do verde constante naqueles frutos De ouro, suor molhado de acalantos Em que me pus bem dentro desse mito.

Maior prova de que já não existo Emerge agora da agonia, eu no meio, Tentando na memória ser exílio.

V Comi da bosta que o diabo cagou. Muitas vezes enfrentei o desamor Duro da mata fechada, carreguei Nas costas os espectros da noite. Andei

Com os pés estremecidos e mãos rachadas. Tive para beber danações, doridas Paisagens postas na mesa rústica, Só pra te ver fruto de ouro na música

Dos deuses por mim roubada. Tudo enfim Venci. Caça e caçador. Só não sabia Que o sol se levanta e pra laçar o dia

A noite vem. Nada valho. Sei em mim O inevitável que me varre pro canto. De bruxas, cinzas ao vento, sou de fato.

VI

Tive muitos navios. Eles todos Sob o brilho das safras, carregados Nas estações das colheitas douradas, Os cascos incansáveis pelas ondas.

Dentro de mim aquele alegre apito Das distâncias, trazido pelo vento Que dos campos de chuva e flor chegava. Ó alma, ó força, ó vida. Sustentava

Um país inteiro o tempo arrumado Aos montes por mãos nas vagas do espanto. Relembro esses navios no pesar

Que sou em mim. No percurso do azar Por vassoura de bruxas habitado. No ar ressecado do que sou de morto.

VII

Infame, miserável, t'esconjuro! Eu que dormi na cama da caipora, Engoli da mata o silêncio duro, Nos confins desci das ancas da aurora.

Eu que no buraco o saci peguei, Lobisomem no tiro derrotei, No boitatá uma sela botei, Com o teu esgar o que fazer não sei.

Eu que como menino só fiz rir Quando os frutos de ouro no meu jardim Vi, colho só dores dentro de mim Feitas, no ocaso, de flores queimadas Por bruxas que não param de sorrir. Nada sou nas vastidões desoladas.

VIII

Vês morte no ar fendido por bruxas, Aragem que na solidão despenca Nostalgia, gargalhar incessante Dos frutos já mortos. Desfazer este

No espaço profundo que em tua alma há Do animal ferido em face do mundo. Estranho não habitar mais a terra Dos frutos de ouro. Nunca mais colher

Hábitos aprendidos com mãos crespas, Peito molhado, vozes enfeitadas De flor e chuva. Diante de ti

Desalento e silêncio, estas sombras Que te empurram através de desertos. Como o vento nós mesmos não ficamos.

IX

Dentro de mim ressoa uma nação. O clima que vem dela nas raízes Se alimenta em razão de verdes vozes Do suor derramado pelo chão.

Houve tempo de dedos corroídos, Duro clamor nos dias mais sofridos, Cobra no inverno, bala no verão, De cacau era a flor no coração. Homem de saga molhada, sangrada, O ouro vegetal vi sustentar toda Essa nação enquanto pela estrada

O tempo dava voltas. Tudo agora Se desfaz. Cai das folhas, insonora, Essa flor murcha que a agonia gera.

X

Da mata treva bem junto de ti Pervagas lembrando o sol que no espanto O olho abriu para te ver nervos de ânsia, O acordar do mundo que estremeceste.

Nos talhos que não cessavam a terra Sangrando, do animal conhecedor Do mundo os verdes brotavam enquanto Os maduros iam caindo nas safras.

Diante dos frutos de ouro apinhados, Aroma dos céus conquistados, sombras Viste em servos onde a morte estercava.

Ó flagelador de cantos no verde, Essas bruxas penduradas nos galhos Para te varrer chegaram na praga.

A CASA VERDE

O sol partindo-se nas gargalhadas, O tempo tendo os pulsos firmes, eis O Coronel Henrique Alves dos Reis.

Na selva indômita o fino bordado De Dona Cordolina, leves asas Do amor que na valsa voa e suspira.

Sombras caminham no aroma de noites Gemidas, os lençóis rangem na alcova De dom Miguel e dona Elvira. A cava

Hora do rebento que nunca veio. Ai, solidões a sugar o triste seio. Grave paisagem grava o relógio

Na parede. Em cada coisa que toco, Em cada voz que escuto, em cada traço Que adivinho, gestos longínquos há

De um certo pássaro agora, que canta Em mim e invisível ganha o silêncio. Estranha vertigem do verde ser

Essa casa, flor que já não trescala, Rio que não passa. No exílio ser Turvo sonho na poeira dos marcos. Quem sabe por que razão os cristais Foram a manhã dessa casa? A seda Cativou com tão suave perfume?

DE OCASOS E SONHOS

Dessas flores natimortas pendendo Somente bruxas sem parar correm.

Pesares do que se foi revestem Essa solidão no peito batendo.

Não mais generoso persiste o fruto Que quiseste como as dores de muitos.

Só para ti os ganhos estocados, Os reinos feitos de seres marcados.

Rumores de tudo amplamente sentes Através do som dessas horas tristes.

Penumbra solta esse inútil tesouro Sobre a árvore que te deu bastante ouro.

De ser deus basta, nada de amargura, Nas manhãs fixa o rosto da ventura.



POSFÁCIO

CANCIONEIRO DO CACAU

Hélio Pólvora*

Certas terras têm um eu profundo. São regiões menos geográficas e mais culturais, bem mais pessoais do que faria crer a densidade da sua população. Entre elas e alguns de seus filhos sensíveis cria-se uma comunhão de carnalidade e espírito tão indissociável quanto a custódia da hóstia. Impossível pensar no sul dos Estados Unidos, o Velho Sul, sem lembrar William Faulkner. O Condado de Wessex, embora imaginário, é Thomas Hardy. A Espanha, especialmente Granada, é García Lorca. Aliás, o poeta confessou que não poderia viver fora dos limites geográficos de Espanha.

A empatia Cyro de Mattos — terra grapiúna também revela um desses amores fortes. Ponho-me a recordar o romancista Adonias Filho, que, na homenagem aos seus 70 anos, no Itajuípe, destacou o Rio Almada em comparação com o Reno, o Danúbio e o Sena, por ser o Almada o rio da sua terra, aquele rio da aldeia a que se referiu Fernando Pessoa. Poetas e prosadores costumam cantar a sua terra. Cyro acaba de tanger a viola, em sentida récita, pelas belezas e também dissabores, que sempre os haverá, da terra grapiúna.

Chama-se *Cancioneiro do Cacau* (1), a cantiga. Eu não diria que é uma saga, mas um canto geral, de fundas e variadas modulações, em que o poeta, de par com a descrição de aspectos da natureza, e depois de convocar imagens, cheiros, ruídos e cores arquivados na memória, mergulha em busca das camadas mais recônditas, porque essenciais, porque definidoras por excelência da terra do cacau. A nossa maneira de ser, o jeito de sentir, a postura de estar-no-mundo, um misto de mansidão e resistência, uns resíduos de velha arrogância que, hoje, subsiste com um traço de piedosa galhofa.

Variam as tonalidades, do brejeiro ao grave e cerimonioso, do lírico elementar, que traduz estados anímicos, ao canto de grave entonação com estofo de epopeia cabocla. Versos curtos, versos longos, trovas, quadras, canções e cançonetas, poemas de composição fechada e poemas que se abrem e se estendem com a ligeireza de brisas. Sente-se que o poeta está inspirado, socorre-se de todos os ritmos, ou então estes acodem pressurosos ao seu chamado. Uma vez iniciada a cantiga, a longa e envolvente cantiga, fica-se a desejar que o cantor prolongue o repertório, cante como cantam as cigarras, cante o estio e cante o amor, e cante não para morrer, como as cigarras efêmeras, mas para reviver nas ardências estivais e nas escarpas do amor.

Nem tudo, porém, será inspiração, quero dizer, será espontaneidade neste *Cancioneiro do Cacau*. Vê-se que o poeta, ainda que envolvido pelo sentimento, procura documentar-se, entrega-se à pesquisa dos assuntos que compõem o tema e delineiam a temática. Raízes culturais, safras, bichos, trabalhos, rios, a mescla de deleitosa alegria e de traiçoeira tragicidade que formam a personalidade do sul baiano. Justifica-se o título porque o poeta quer esgotar a abrangência do título, fazendo sob este aspecto obra poética didática, tão extensa quanto a intensidade que nela se esforça para introduzir. A terra grapiúna está evocada não somente em suas nuanças atemporais de teor psicossocial. A evocação, por mais fincada que esteja na memória, tem a ver com uma realidade próxima, imediata, que faz a terra, com os seus sortilégios, prosseguir em nós, continuar em nós. É como se houvera uma ponte sustentada com a leveza daquele eu profundo – aquele mesmo sentimento que cunhou a expressão deep south em relação ao sul da escravidão e dos algodoeiros de Faulkner. Algum dia, estou certo, um estudioso de literatura estabelecerá com esteios e vigas de concreto e ferro, a similitude entre o deep south, que plantou algodão com o braço escravo, nos Estados Unidos, e as terras do sem fim, regadas com o sangue e o suor de negros, índios e seus descendentes. Lá e cá forjaram uma região cultural própria, produto de um

caldeamento de raças que, literalmente, haveria de produzir uma expressão peculiar. Por isso, fala-se com acerto em literatura grapiúna, não para dissociá-la ou distingui-la da literatura em geral, que isso seria bobagem, mas como sinal identificador.

Quando isso for feito, e se for feito, creio que o *Cancioneiro*do Cacau, de Cyro de Mattos, valerá como guia poético, sentimental, existencial. É que a terra, a terra com a circunstância poderosa dos seus amores e amarguras, ainda com uns resíduos daquela empáfia que o cacau lhe deu, e hoje se tinge de melancolia — a terra está em nós e arde na brasa rubra da lembrança.

^{*}Hélio Pólvora. Baiano de Itabuna, jornalista, crítico literário, contista, romancista, cronista e tradutor. Conquistou duas vezes o Prêmio Bienal Nestlé de Literatura. Publicou mais de 40 livros. Este texto sobre o *Cancioneiro do cacau*, de Cyro de Mattos, foi publicadono Caderno 2 do jornal A Tarde, Salvador, 14/4/2002. Faleceu em Salvador, em 26/03/2015. (N. do A.)

ADENDO

O AUTOR

Cyro de Mattos nasceu em Itabuna, cidade do sul da Bahia, em 31 de janeiro de 1939, filho de Augusto José de Mattos e Josephina Pereira de Mattos. Primeiros estudos na cidade natal. Completou o curso ginasial no Colégio Maristas, em Salvador, fez o curso clássico no Colégio da Bahia (Central). Diplomado em advocacia pela Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia, em 1962. Como universitário dirige o jornal "A Palavra", do Centro Acadêmico Ruy Barbosa. Advogado aposentado, depois de militar durante quarenta anos nas comarcas da região cacaueira na Bahia. Jornalista com passagem na imprensa do Rio de Janeiro, onde foi redator do "Diário de Notícias", "Jornal do Comércio" e "O Jornal". Colaborador em blogs, revistas e jornais importantes das letras brasileiras.

Contista, poeta, cronista, novelista, romancista, ensaísta, autor de livros infantis, organizador de antologia. Já publicou mais de 50 livros, possui inúmeros prêmios literários, e, entre eles, o Prêmio Nacional de Ficção Afonso Arinos, concedido pela Academia Brasileira de Letras para o livro *Os Brabos*, o Prêmio Jabuti (menção honrosa) para *Os Recuados*, o Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte para O *Menino Camelô*, poesia infantil, e, com o *Cancioneiro do Cacau*, o Prêmio Nacional Ribeiro Couto, da União Brasileira de Escritores, Rio de Janeiro, para livros inéditos, e o Prêmio Internacional de Poesia Maestrale Marengo d'Oro, Gênova, Itália. Distinguido com os títulos da Ordem do Mérito da Bahia e Personalidade Cultural da União Brasileira de Escritores, Rio de Janeiro. Participa em várias antologias internacionais do conto, como *Visões da América Latina*, publicada na Dinamarca, na qual estão inclusos, entre outros, Jorge

Luís Borges, Alejo Carpentier, Miguel Angel Asturias, Juan José Arreola, Julio Cortázar, José Donoso, Mario Vargas Llosa, Juan Carlos Onetti, Juan Rulfo, Mário de Andrade, Aníbal Machado e Clarice Lispector, e *Narradores da América Latina*, editada na Rússia, na qual figuram, entre outros, Julio Cortázar, Mario Benedetti, René Marques e Rosário Castellanos. Poemas seus foram incluídos na antologia *Poesia do Mundo 3*, organizada por Maria Irene Ramalho de Sousa Santos, da Universidade de Coimbra, publicada em Portugal, com tradução de Manuel Portela para o inglês, reunindo poetas de dezesseis países.

Participou como convidado do III Encontro Internacional de Poetas da Universidade de Coimbra, Portugal, em 1998. Da Feira Internacional do Livro de Frankfurt em 2010 quando autografou a antologia poética *Zwanzig von Rio und andere Gedichte*, publicada pela Projekte-Verlag, de Halle, com tradução de Curt Meyer Clason. E do XVI Encontro de Poetas Iberoamericanos da Fundação Cultural de Salamanca, Espanha, em 2013. Possui livros pessoais publicados em Portugal, França, Alemanha e Itália. A obra de Cyro de Mattos tem sido reconhecida pelos críticos como significativa e, pela versatilidade que alcança em sua expressividade, linguagem adequada e moderna, já faz parte da literatura brasileira contemporânea. Seus contos e poemas participam de mais de 50 antologias, no Brasil e exterior. É membro da Ordem do Mérito da Bahia, Academia de Letras da Bahia e Pen Clube do Brasil.

A OBRA EM LIVRO

FICÇÃO - Os Brabos, novelas, Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras, 1979; Duas Narrativas Rústicas, 1985, (contendo "Inocentes e Selvagens", Prêmio Miguel de Cervantes, da Casa dos Quixotes, Rio, para autores dos países de língua portuguesa (1968), e "Coronel, Cacaueiro e Travessia", Menção do Prêmio Internacional da Revista Plural, México (1981); Os Recuados, contos, 1987; Berro de fogo e outras histórias, 1997, Prêmio Vânia Souto Carvalho (2002), da Academia Pernambucana de Letras; Natal das Crianças Negras, 2011; Os Ventos Gemedores, romance, 2014.

CRÔNICA - O Mar na Rua Chile, 1999, Finalista do Jabuti (2000); Alma Mais que Tudo, 2006; O Velho Campo da Desportiva, 2010; Um grapiúna em Frankfurt, 2013.

POESIA - Cantiga Grapiúna, 1981; No Lado Azul da Canção, 1984; Lavrador Inventivo, 1984; Vinte Poemas do Rio, 1985; Viagrária, 1988; A Casa Verde, 1988; Cancioneiro do Cacau, 2002, Prêmio Nacional Ribeiro Couto, da União Brasileira de Escritores, Rio, (1997), Terceiro Prêmio Nacional Emílio Moura, da Academia Mineira de Letras (2003), Finalista do Jabuti (2003), Segundo Prêmio Internacional de Literatura Maestrale Marengo d'Oro, Gênova, Itália (2006); Os Enganos Cativantes, 2002; Canto a Nossa Senhora das Matas/ Gesang Auf Unsle Liebe Frau Von Den Wäldern, português--alemão, tradução de Curt Meyer-Clason, 2004; De Cacau e Água / Of Cacao and Water, tradução de Fred Ellison, 2006; Poemas Escolhidos/Poesie Scelte, tradução de Mirella Abriani, 2007, Segundo Prêmio Maestrale Marengo d'Oro, para obra inédita, (2006); *Vinte e* Um Poemas de Amor, 2011; Ecológico, 20013; Onde Estou e Sou/ Donde Estoy y Soy, português-espanhol, tradução de Alfredo Pérez Alencart, 2013.

LITERATURA INFANTOJUVENIL - O Menino Camelô, 1991, Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Artes (1992); Palhaço Bom de Briga, 1993; O Circo do Cacareco, 1998; Histórias do mundo que se foi, 2003, Prêmio Adolfo Aizen, da União Brasileira de Escritores, Rio (1997); O Goleiro Leleta e outras fascinantes histórias de futebol, 2005, Prêmio Hors Concours Adolfo Aizen, da União Brasileira de Escritores, Rio (2003); O Menino e o Boi do Menino, 2007; O Menino e o Trio Elétrico, 2007, Prêmio Maria Alice de Lucas, da UBE, Rio (2008); Roda da Infância, 2009; Lorotas, Caretas e Piruetas, 2011, Prêmio Alice Maria da Silva, UBE, Rio (2012); O que eu vi por aí, 2014.

NO EXTERIOR - Vinte Poemas do Rio, edição inglês-português, tradução de Manuel Portela, Portugal, 2005; Ecológico, Portugal, 2006; Poesie della Bahia/Poesia da Bahia, bilíngue, tradução de Mirella Abriani, Itália, 2008; Zwanzig Gedichte von Rio und andere Gedichte, tradução de Curt Meyer-Clason, Halle, Alemanha, 2009; Canti della terra e dell'acqua/Cantos da terra e da água, tradução de Mirella Abriani, Itália, 2010, Prêmio Internacional Leodegário Azevedo Filho, da UBE, Rio (2010); De tes instants dans le poème/De teus instantes no poema, tradução de Pedro Vianna, França, 2012, Prêmio Internacional Jean Paul Mestas, da UBE, Rio, (2013); Il Bambini e Il Trio Elétrico, tradução de Mirella Abriani, Itália, 2013; Vinte e Um Poemas de Amor, Portugal, 2013.

SOBRE O AUTOR EM LIVRO

AMADO, James. Este livro de crônicas, apresentação de *O mar na Rua Chile*, EDITUS, editora da Universidade Estadual de Santa Cruz, sul da Bahia, Ilhéus, Bahia, 1999.

ARREGUY, Clara. O percurso de uma paixão, apresentação de *O velho Campo da Desportiva*, crônicas, LGE Editora, Brasília, 2010.

BRASIL, Assis. Orelha de *Cancioneiro do cacau*, Ediouro Publicações, Rio de Janeiro, 2002.

BRITO, Mário da Silva. Orelha de *Lavrador inventivo*, Editora Cátedra/Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1984.

CARNEIRO, Caio Porfírio. Um cronista, orelha de *Alma mais que tudo*, crônicas, LGE Editora, Brasília, 2006.

CAPINHA, Graça. Tão ser tão pedra tão água, apresentação de *Vinte poemas do rio*, edição bilíngüe, tradução de Manuel Portela para o inglês, EDITUS, editora da Universidade Estadual de Santa Cruz, sul da Bahia, 2001.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira*, Companhia Editora Nacional, São Paulo 2006.

______. Revisitando os caminhos de ficção de Cyro de Mattos, *in 81 escritores do Século XX*, Editora Letra Selvagem, Taubaté, São Paulo, 2013.

COUTINHO, Afrânio. *Enciclopédia de literatura brasileira*, 2 volumes, Fundação de Assistência ao Estudante, Rio de Janeiro, 1990.

CUNHA, Fausto. Um narrador dramático, prefácio de *Os brabos*, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1979.

CUNHA, Helena Parente. O projeto ecopoético de Cyro de Mattos, prefácio de *Ecológico*, Editora Palimage, Coimbra, Portugal, 2006.

FAHEL, Margarida. Prefácio de *Os recuados*, TCHÉ! Editora Porto Alegre, 1987.

Ilhéus revisitada, orelha de <i>Ilhéus de poetas e prosadores</i>
antologia, Fundação Cultural do Estado da Bahia, Coleção Letras da
Bahia, Salvador, 1998.

______. Apresentação em *Com a palavra o escritor*, organização de Carlos Ribeiro, Fundação Casa de Jorge Amado, Salvador, 2002.

FARIA, Álvaro Alves de. *Pastores de Virgílio*, entrevista, editora Escrituras, São Paulo, 2009.

FISCHER, Almeida. *O áspero ofício*, vol. 5, Editora Cátedra, Rio de Janeiro, 1983.

_____. *O áspero ofício*, vol. VI, Horizonte Editora, Brasília, 1985. GOMES, José Edson. Novos Caminhos de um Poeta, prefácio de *No lado azul da canção*, Editora Cátedra, Rio de Janeiro, 1984.

GOMES e AGUIAR, da Silva Tereza e Celuta. *Bibliografia crítica do conto brasileiro*, tomo II, Edição Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 1969.

HEUPEL, Carl. *Moderne Brasilianische Erzahler* (Modernos Contistas do Brasil), Alemanha-Suíça, prefácio de antologia, Editora Walter, 1968.

LIDMILOVÁ, Pavla. *Alguns temas da literatura brasileira*, Editora Nórdica, 1984, Rio de Janeiro.

LINHARES, Temístocles. *22 diálogos sobre o conto brasileiro atual*, vol. II, José Olympio Editora, São Paulo, 1973.

PENIDO, Samuel. À margem de *Os Enganos Cativantes*, prefácio de *Os enganos cativantes*, Fundação Cultural do Estado da Bahia, Coleção Letras da Bahia, Salvador, 2002.

PORTELLA, Eduardo. A palavra enraizada, prefácio de *Cancioneiro do cacau*, Ediouro Publicações, Rio de Janeiro, 2002.

PÓVOAS, Ruy do Carmo. *Da porteira para fora*, Editus, editora da UESC, Ilhéus (BA), 2007.

SAYEG e CARNEIRO, J.B. e Caio Porfírio. A vocação nacional da UBE — 62 anos, RG Editores, São Paulo, 2004

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. Prefácio de *Duas narrativas rústicas*, Editora Cátedra, Rio de Janeiro, 1985.

	Conhecer Ital	buna atravé	s da ficção,	orelha	a de <i>Itabu</i>	na,
chão de	e minhas raízes	, antologia,	Oficina do	Livro,	Salvador,	1996

______. *Caminhos da ficção*, Fundação Cultural do Estado da Bahia, Coleção Letras da Bahia, Salvador, 1996.

2) EM REVISTAS E PERIÓDICOS

AMADO, Jorge. Um baiano que promete, <i>in</i> " Suplemento do Livro do Jornal do Brasil", Rio de Janeiro, 21 de outubro de 1967.
A marca de um narrador dramático, <i>in</i> "Jornal de Letras", Rio de Janeiro, 1* de maio de 1982.
Quatro escritores da Bahia, <i>in</i> "Jornal de Letras", Rio de Janeiro, julho de 1985.
Breve missiva ao presidente Josué, <i>in</i> jornal "A Tarde", Salvador, 5 de abril de 1994.
BAIRÃO, Reynaldo. Canções, haicais e aliterações, <i>in</i> "Jornal de Letras", Rio de Janeiro, agosto de 1985.
Poesia, poesia e mais poesia, <i>in</i> "Jornal de Letras", Rio de Janeiro, janeiro de 1986.
BEZERRA, Valbene. O poeta do cacau, <i>in</i> "Magazine", do jornal "O Popular", Goiânia, 13.4.2002.
CAGIANO, Ronaldo. Paixão nas letras, <i>in</i> "Jornal do Brasil", Caderno B, Rio de Janeiro, 29 de agosto de 2005.
CARVALHO, Francisco. Um poeta e ficcionista, <i>in</i> "Diário de Itabuna", Itabuna, Bahia, 25 de abril de 1986.
CÉSAR, Elieser. Epifania fluvial, in "Cultural A Tarde", do jornal "A

Tarde", Salvador, 26 de abril de 2003.

COSTA, Flávio Moreira da. Regionalismo no bom sentido, *in* República Livros", Rio de Janeiro, dezembro de 1979.

DANNEMANN, Maria de Fátima. Poesia natalina, *in* jornal "A Tarde", 23/12/1997, Salvador, Bahia.

DAMULAKIS, Gerana. O mar na Rua Chile, *in* "A Tarde", Salvador, 13 de dezembro de 1999.

_____. Leque de contistas, *in* "A Tarde Cultural", 2 de dezembro de 2000.

______. Cancioneiro do cacau, *in* "A Tarde", 10 de abril de 2002. ENEIDA. Violentos e desalmados, *in* "Diário de Notícias", Rio de Janeiro, dezembro de 1970.

FAHEL, Margarida. Dor humana, busca da paz, *in* "Cultural A Tarde", suplemento do jornal "A Tarde", Salvador, 11 de abril de 1998.

_____. Verdade humana da alma grapiúna, *in* "Cultural A Tarde", Salvador, 25 de abril de 1998.

FARIA, Álvaro Alves de. Um poeta brasileiro, in "Opção Cultural", Goiânia, 26 de julho a 1* de agosto de 1998.

FENDRICH, Henrique. Nas memórias do antigamente, RUBEM, revista virtual da crônica, HTTP://wordpress.com, 30 de abril de 2012.

FONSECA, Aleilton. Visão amorosa de Ilhéus, *in* "Heléboro", número 2, Universidade Estadual do Sudoeste, Conquista, Bahia, dezembro de 1998.

GUIMARÃES, Torrieri. Bilhete a Cyro de Mattos, *in* "Folha da Tarde", São Paulo, 21 de abril de 1980.

JOSÉ, Elias. Anotações sobre *Os brabos, in* "Suplemento Literário de Minas Gerais", Belo Horizonte, 12 de abril de 1980.

______. Carnaval e literatura infantil, suplemento cultural do jornal "A Tarde", Salvador, 2008.

LEMOS, Gláucia. Poesia que diverte pequenos e grandes, *in* "Cultural A Tarde", do jornal "A Tarde", Salvador, 7 de novembro de 1992.

______. Persistência da infância, *in* "Cultural A Tarde", do jornal "A Tarde", Salvador, 19 de março de 1994.

_____. Versos cativantes, em "Cultural A Tarde", do jornal "A

LIMA, Tatiana. A vida é falha, *in* "Cultural A Tarde", do jornal "A Tarde", Salvador, 18 de outubro de 1997.

Tarde", 18 de setembro de 2004, Salvador.

MATTA, João Eurico. Saudação a Cyro de Mattos *in* Revista da Academia de Letras da Bahia, setembro de 2004, n*. 46, Salvador, Bahia.

PADILHA, Telmo. Lavrador inventivo, in jornal Cacau/Letras, Itabuna, Bahia, setembro de 1985

PENIDO, Samuel. Cantos da terra e do rio, *in* "O Escritor", jornal da União Brasileira de Escritores, São Paulo, maio/junho de 1986.

PÓLVORA, Hélio. Cancioneiro do cacau, *in* "A Tarde", Caderno 2, Salvador 14.4.2002.

PORTELA, Manuel. Cyro de Mattos: mágoa e júbilo feitos de cacau e agua, *in* "Diário do Sul", Itabuna, Bahia, 17/18/19 de abril de 2004.

PÓVOAS, Ruy. O rio na memória, *in* jornal "Cacau/Letras", Itabuna, Bahia, dezembro de 1985.

RIBEIRO, Simone. Respeitável público, *in* "Cultural A Tarde", do jornal "A Tarde", Salvador, 24 de dezembro de 1994.

SALDANHA, Ana Maria. Cyro de Mattos/cancioneiro 80, in jornal "Letras e Letras", Porto, Portugal, 7 de agosto de 199l.

SEIXAS, Cid. A Força selvagem, *in* "A Tarde", Salvador, 23 de março de 1998.

_____. Sopro de Vitalidade, *in "*A Tarde Cultural", Salvador, 19.06.2004.

SERRANO, Luís. Vinte poemas do rio, *in* "O Primeiro de Janeiro", suplemento Letras e Artes, Porto, Portugal, 9 de outubro de 2006.

SILVEIRA, Junot. Três registros, *in* "A Tarde Cultural", Salvador, 2 de dezembro de 1984.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. Problemática da literatura contemporânea: a poesia da região do cacau, *in* "Revista da FESPI", número 2, Ilhéus, Bahia, julho/dezembro de 1983.

	Leitura de <i>Os recuados, i</i>	n "Jornal	de Letras",	Portugal,	23
de j	aneiro de 1990.				

______. Caminhos de ficção nas terras do cacau, *in* "Cultural A Tarde", do jornal "A Tarde", Salvador, 4 de dezembro de 1992.

DEPOIMENTOS

Jorge Amado; "Cantor da terra e das águas. Cantor do amor. Pastor de diversos bichos. Cyro de Mattos, tão esplêndido poeta, tão esplêndido ficcionista".

Francisco Carvalho: "Pela amplitude temática, pelo pluralismo das estruturas verbais, pela exuberância dos ritmos e das sonoridades, pelas imagens e metáforas que se sucedem a cada página do livro, pela riqueza e polissemia da linguagem, pela ousadia da invenção e, sobretudo, pela sabedoria do poeta no entrelaçamento dos fios com que teceu a trama de sua epopeia, em que se narram "os mistérios da civilização do cacau na Bahia", *Cancioneiro do Cacau* é texto para se lembrar pelo tempo afora. Pessoas, coisas, animais, rios, lagoas, veredas que se entrelaçam, caminhos que se bifurcam, rumos que se dispersam, árvores que se desfolham ou se cobrem de plumagem, madrugadas, encruzilhadas, ventos que ressoam nas frinchas das portas, crepúsculos de ouro e sangue — tudo isso que pulsa nos versos desse cancioneiro lembra a exuberância do que deve ter acontecido nos primeiros dias da criação".

Revista "Beacons", da Universidade Estdual de Nova York em Plattsburgh e Associação dos Tradutres Americanos, Estados Unidos: "Cyro de Mattos, a prize-winning poet and short story writer, focuses his work on his home city of Itabuna, Bahia, in the heart of the cocoa-growing region made famous in novels by Jorge Amado. The simple but well wrought poems of "Cancioneiro de Cacao", from which the translations in this issue were drawn, portray the local rivers, flora, fauna, towns, crops, workers, churches, and folklore, while rising through imagination beyond the limits of regionalism".

Elias José: "Eis a maturidade poética, o poeta maior se completando no canto épico de sua terra e sua gente. No canto telúrico-afetivo mais denso e contido. E o poeta já pode dizer: "Um povo e sua flor/ dentro de mim/ Um povo e seus caminhos/ Suores e lutas/ para defender a terra e a vida/ Um povo e seus bichos/ dividindo tempo e espaço/ ferindo o novo/ inaugurando o sonbo./ Um homem fundando suas cidades/ e vilas e fazendas/ vivendo a saga do ouro/ tocaia, vida, morte/ e muito suor/ E as vilas pedindo profissionais/ do comerciante ao cantador/ da doceira ao coronel/ E os caminhos e as águas pedindo muitos jeitos de levar/ e trazer o homem./Homem, terra, águas/ caminhos, cidade e suas marcas/ e os seus mil modos de pulsarem./ Onde vive o homem/ e vive o bicho/ e convivem com o que o homem cria,/ as imaginações disparam./ Nesta explosão de fogos de artifício/ surge a música,/ surgem as lendas,/ surgem poemas/ e tantas narrativas/ Mesmo convivendo com a poesia/ a vida é mais densa/intensa/ E o poeta confessa/ de onde lhe vem / a ajuda para cantar: / Chamei o sol/ para iluminar/ meu sonho/ E o sonho se torna poema e saga/ e ilumina o coração do leitor".

Curt Meyer-Clason: "Li e reli seus poemas, com os sentidos encantados e admirado pelo seu talento mágico". (Ich habe Ihr Werk gelesen und wiedergelesen mit dem Entzücken der Sinne und der Bewunderung für Ihr magisches Talënt".

Graziella Corsinovi (della Università di Genova, Presidente della Giuria Premio Letterario Internazionale Maestrale Marengo d'Oro): "Poesia de amplo horizonte histórico e existencial, articulada em lúcido espaço lírico, que evoca mistérios de uma epopéia brasileira de grande sugestão, com tradução de Mirella Abriani". (Poesia dagli ampi orizzonti storici ed esistenziali, articolata in lucidi spazi lirici, che evocano misteri ed epopee brasiliane di grande suggestione (anche nella traduzione di Mirella Abriani).

Ledo Ivo: "No silêncio e quase segredo de sua Itabuna bem-amada, o poeta Cyro de Mattos — um baiano que não emigrou, e ficou desde sempre grudado ao ar, ao mar, aos azuis e verdes do céu e da terra, as águas do seu rio, ás gentes e bichos e casas do horizonte natal — sustenta uma das vozes mais nítidas e singulares de sua geração. A respiração do amor — tão presente nestes *Vinte e um poemas de amor* — rege os seus versos ora como uma confidência ora como uma palavra alta. Essa modulação constitui o atrativo fundamental de sua poesia. É a música de uma maré que avança e se torna vazante, o rumor de uma terra habitada pela esperança e perplexidade dos homens, a radiosa claridade de um dia que haverá de transformar-se em noite. Escuto a voz poética de Cyro de Mattos desde o instante inicial de sua elevação. Paro sempre para escutá-la".

Nelly Novaes Coelho: "Encontro a densidade amorosa/erótica nesses fantásticos *Vinte e Um Poemas de Amor*! Li-os e reli-os... fizeram-me voltar no tempo... Essa é a magia da palavra criada pelo Poeta Maior: eternizar no Verbo aquilo que é "lampejo" existencial, paixão indizível, que só a Poesia pode reviver e perdurar no tempo".

Graça Capinha (da Universidade de Coimbra): "Há que desnaturalizar o real se queremos alternativas. Daí que a localização de vozes como as de Cyro de Mattos sejam hoje em dia cada vez mais importantes, pois nos ensinam a diversidade dos lugares da terra em que vivemos, nos obrigam a refletir sobre inocências que por lá se perderam, nos ajudam a conviver com a experiência que deles se fez presença em outros lugares em que nos reconhecemos e em que decerto voltaremos a perder — levando-se sempre conosco essa riqueza imensa dos lugares em que se foi "tomando forma", nesse rio simultaneamente definitivo e enigma, metáfora de toda a existência".

Maria Irene Ramalho (da Universidade de Coimbra): "Quando se afirma (com Sir Philip Sydney) que a poesia lírica não

diz nada, que a poesia lírica não é conceito, não é afirmação, é antes a súbita interrupção da razão e a pura irrupção dos sentidos por meio da solidez da palavra plena, o que realmente se diz é que a poesia se escreve no corpo, como solenemente proclama Antonio Ramos Rosa na sua poética diáfana da materialidade. Por isso é que a metafísica do corpo do Caieiro de Pessoa leva o modernista português a desejar ardentemente trincar a terra toda e sentir-lhe um paladar... É desta janela pessoana que escolho ler aqui o sensualíssimo lirismo de Cyro de Mattos, que em poemas da mais cristalina corrente-do-existir dá a beber a precária realidade-de-ser".

João Carlos Teixeira Gomes: "Soube cantar a saga do cacau e a grandeza da sua terra e da sua gente com grande sentimento telúrico e adequado uso dos recursos expressionais do discurso poético. *Cancioneiro do Cacau* é um macro-texto poético construído por um *fabro* que domina o seu ofício e revela possuir fôlego épico, tendo, assim, elaborado um belo poema de exaltação da terra *grapiúna*, que se ampara em recursos verbais inseridos num contexto de adequação e modernidade".

Carlos Drummond de Andrade: "A Cyro de Mattos no Natal – Uma notícia irrompe desta árvore/ e ganha o mundo: verde anúncio eterno/ Certo invisível pássaro presente/ murmura uma esperança a teu ouvido".

Afonso Manta: "E vendo as águas do rio/ E outras águas renhidas/O poeta reinventa/O mistério de nossas vidas".

Helena Parente Cunha: "Na bela imagística do seu discurso poético, Cyro de Mattos recorre às palavras reveladoras de uma sincera e visceral integração com a natureza. Os elementos, ao invés de comparecerem na mera composição de cenários, participam de vivências profundas do eu lírico. O soneto dedicado à sua terra natal,

por exemplo, "Itabuna", em tom delicadamente nostálgico, carrega ressonâncias do tempo de criança, impregnando-se da paisagem natural, transfigurada pela memória".

Jean-Paul Mestas (Cahiers de Poésie "Jalons"): "Maison verte... Maison qui fait songer aux années 30, avec ses velours et ses inattendus que le rêve caresse. Chez ce poéte, l'imaginaire balaye l'espace et l'on se sent heureux des retours qu'il engendre avec le doigté convenable". (A Casa Verde... Casa que faz remontar aos anos 30, com seus luxos e surpresas que o sonho carece. Neste poeta o imaginário ondula o espaço, e a gente se sente feliz no retorno que a fantasia propicia com eficiência."

Alfredo Pérez Alencart (Da Universidade de Salamanca): "Un poeta brasileño que merece un ciertísimo aplauso: Poesía y Vida, un largo camino que ahora se acopia para que no exista destierro: y tampoco olvido. ¡Purifica la emoción, Poesía!" (Um poeta brasileiro que merece, sem dúvida, aplauso: Poesía e vida, um largo caminho que nessa hora juntam-se para que não exista o desterro e tampouco o esquecimento. / Purifica a emoção, Poesia!"

COLEÇÃO NORDESTINA

1 Joaquim Nabuco: abolição e a república

Manuel Correia de Andrade Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE

2 A ciência e os sistemas

Pedro Américo Editora da Universidade Federal da Paraíba/EDUFPB

3 A Escrita da História na Casa de Sergipe – 1913/1999

Itamar Freitas (Org.)

Editora da Universidade Federal de Sergipe/EDUFS

4 Flor de romances trágicos

Luis da Câmara Cascudo Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/EDUFRN

5 História da minha infância

Gilberto Amado

Editora da Universidade Federal de Sergipe/EDUFS

6 Cancioneiro Geral

Martins Napoleão

Editora da Universidade Federal do Piauí/EDUFPI

7 Cartas Literárias

Adolfo Caminha

Editora da Universidade Federal do Ceará/EDUFC

8 Imagens de um Tempo em movimento - Cinema e Cultura na Bahia nos anos JK (1956-1961)

Maria do Socorro Silva Carvalho

Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA

9 Canais e Lagoas

Octávio Brandão

Editora da Universidade Federal da Alagoas/EDUFAL

10 Cordéis

Patativa do Assaré

Editora da Universidade Federal do Ceará/EDUFC

11 Frei Caneca: acusação e defesa

Socorro Ferraz (org.)

Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE

12 Zé Limeira: o poeta do absurdo

Orlando Tejo

Editora da Universidade Federal da Paraíba/EDUFPB

13 Um códice setencista inédito de Gregório de Matos

Fernando da Rocha Peres e Silvia la Regina (Orgs.)

Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA

14 Os Índios Tupi-Guarani na Pré-História, suas invasões do Brasil e o Paraguay, seu destino após descobrimento

Moacyr Soares Pereira

Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL

15 A Ciência e os Sistemas: Questões de História e Filosofia Natural

Pedro Américo

Editora da Universidade Federal da Paraíba/EDUFPB

16 Macau

Aurélio Pinheiro

Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/EDUFRN

17 Os Portugueses no Brasil – Estudo Histórico e Crítico (séc. XVI ao séc. XIX) -

Felisberto Freire

Editora da Universidade Federal de Sergipe/EDUFS

18 Cancioneiro Geral Vol. 2

Martins Napoleão

Editora da Universidade Federal do Piauí/EDUFPI

19 O conto em 25 baianos

Cyro de Mattos (Org.)

Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz-EDITUS/UESC

20 Antecipações

Gilberto Freyre

Editora da Universidade Estadual de Pernambuco/EDUPE

21 Naufrágio e prosopopéia

Afonso Luiz Piloto e Bento Teixeira

Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE

22 Horto

Auta de Souza

Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/EDUFRN

23 Apontamentos de Folclore

Frederico Edelweiss

Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA

24 Maceió de outrora (Org. e apresentação de Raquel Rocha)

Felix Lima Júnior

Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL

25 José Lins do Rego: modernismo e regionalismo

José Aderaldo Castelo

Editora da Universidade Federal da Paraíba/EDUFPB

26 Delírio da Solidão

Jader de Carvalho

Editora da Universidade Federal do Ceará/EDUFC

27 O catolicismo no Brasil: um campo para a pesquisa social

Thales de Azevedo

Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA

28 Contos

Adolfo Caminha

Editora da Universidade Federal do Ceará/EDUFC

29 O bangüê nas Alagoas: traços da influência do sistema econômico do engenho de açúcar na vida e na cultura regional

Manoel Diegues Júnior

Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL

30 Nossa Senhora dos Guararapes

Bernardino Freire de F. A. e Castro

Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE

31 História do Modernismo em Alagoas

Moacir Medeiros de Sant'ana

Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL

32 Economia pernambucana no século XVII

Manoel Correia de Andrade

Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE

33 O Príncipe de Joinville na Bahia, na Ilha de Santa Helena e no Golfo da Guiné

Waldir Freitas Oliveira Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA

34 Dias e noites

Tobias Barreto (Org. Luiz Antonio Barreto) Editora da Universidade Federal de Sergipe/EDUFS

35 Aves de arribação

Antonio Sales Editora da Universidade Federal do Ceará/EDUFC

36 Memórias: antes que me esqueça

José Américo de Almeida Editora da Universidade Federal da Paraíba/EDUFPB

37 Termos tupi na geografia de Sergipe

Armindo Guaraná Editora da Universidade Federal de Sergipe/EDUFS

38 Antologia panorâmica do conto baiano – século XX

Gerana Damulakis (Org.)

Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz/UESC /EDITUS

39 Como melhorar a escravidão

Henry Koster (trad. Prefácio e notas: Nelson Patriota — estudo introdutório Manuela Carneiro da Cunha) Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/EDUFRN

40 Naufrágio e prosopopéia

Afonso Luiz Piloto e Bento Teixeira Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE

41 Acusação e Defesa

Frei Caneca

Editora da Universidade de Pernambuco/EDUFPE

42 O Catolicismo no Brasil: um campo para a pesquisa social

Thales de Azevedo

Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA

43 O Engenho de Açúcar no Nordeste

Manuel Diegues Júnior

Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL

44 O Brasil, o Poder e o Povo

Miguel Arraes de Alencar

Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE

45 Ação da Bahia na obra da independência nacional

Braz do Amaral

Editora da Universidade do Estado da Bahia/EDUNEB

Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA

46 Reisado Alagoano

Théo Brandão

Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL

47 Gestos e Vozes de Pernambuco

Luiz Delgado

Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE

48 A literatura de cordel no nordeste do Brasil: da história escrita ao relato oral

Julie Cavignac

Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

49 Os Cinemas da Bahia 1897-1918

Silio Boccanera Júnior Editora da Universidade do Estado da Bahia/EDUNEB Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA

50 A Mestiçagem no Brasil

Arthur Ramos Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL

51 Cachaça: contos

Francisco Julião Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE

52 Utopia Armada

Dirceu Lindoso Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL

53 O Theatro na Bahia da Colônia à República (1800-1923)

Silio Boccanera Júnior Editora da Universidade do Estado da Bahia/EDUNEB Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA

54 Paremiologia Nordestina – 2^a. Edição Ampliada

Fontes Ibiapina Editora da Universidade Federal do Piauí/EDUFPI

55 Nelson Chaves – O homem além do tempo: A palavra de um cientista que amava sua terra e sua gente.

Maria Christina de Almeida Costa e Eunice Salzano Lago.(Org.) Editora da Universidade de Pernambuco/EDUFPE

56 Resistência Indígena no Piauí Colonial: 1718-1774 – 2ª. Edição

João Renor F. de Carvalho

Editora da Universidade Federal do Piauí/EDUFPI

57 A Língua do Nordeste – 4^a. Edição

Mário Marroquim

Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL

57 Gestos e Vozes de Pernambuco

Luiz Delgado

Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE

58 A Pré-Revolução Brasileira

Celso Furtado

Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE

59 Casa e Balcão: os caixeiros de Salvador (1890-1930)

Mario Augusto da Silva Santos.

Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA

60 Costumes Africanos no Brasil

Manuel Querino

Editora da Universidade do Estado da Bahia/EDUNEB

61 A Testemunha na História e no Direito

Jayme de Altavila

Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL

62 Poemário de Cordéis v.1

Pedro Nonato Costa

Editora da Universidade Federal do Piauí /EDUFPI

63 Matas do Sertão de Baixo

Isaías Alves

Editora da Universidade do Estado da Bahia/EDUNEB

64 O Sertão

Carlota Freitas

Editora da Universidade Federal do Piauí /EDUFPI

65 Arquitetura colonial baiana: alguns aspectos de sua história

Robert C. Smith

Editora da Universidade Federal da Bahia /EDUFBA

66 Folclore Negro das Alagoas

Abelardo Duarte

Editora da Universidade Federal de Alagoas / EDUFAL

67 Universidade e democracia

Luis de Magalhães Melo

Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE

68 Artigos e Crônicas de Edgar Barbosa. Volume I (1927-1938)

Organização, seleção, apresentação e notas de Nelson Patriota Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/EDUFRN

69 Contos Reunidos

Aramis Ribeiro Costa

Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz /EDITUS

70 Portugueses na Bahia na segunda metade do séc. XIX: emigração e comércio

Tania Risério d'Almeida Gandon

Editora da Universidade do Estado da Bahia /EDUNEB

71 Plínio de Almeida: obra reunida

Flávio J. Simões Costa (Org.)

Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz /EDITUS

72 O Teatro de Anchieta

Joel Pontes

Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE

73 Fernão Cabral de Ataíde e a Santidade de Jaguaripe

José Calasans

Editora da Universidade do Estado da Bahia/EDUNEB

74 Instrução Pública e Instituições Culturais de Alagoas & outros ensaios

João Craveiro Costa

Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL

75 Bêabá da Bahia - Guia Turístico

José Valadares

Ilustrações de Carlos Thiré

Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA

76 Notas dominicais: tomadas durante uma viagem em Portugal e no Brasil em 1816, 1817 e 1818.

L. F. de Tollenare

Editora da Universidade de Pernambuco/EDUPE

77 Brados Retumbantes de uma vida: trajetória de Pedro Jaime, o primogênito de Tristão Gonçalves de Alencar Araripe

Maria Helena Alencar Guarani Valença de Araripe

Editora da Universidade Estadual do Ceará/EDUECE

78 População e açúcar no nordeste do Brasil

Manuel Diégues Júnior

Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL

79 História da Faculdade de Direito

Clóvis Beviláqua Editora Universitária da UFPE/EDUFPE

80 Ecológico

Cyro de Mattos Editora da Universidade do Estado da Bahia/EDUNEB

81 Quase Biografias de Jagunços: o séquito de Antônio Conselheiro

José Calasans

Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA

82 Culturas Negras do Novo Mundo

Arthur Ramos

Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL

83 Recife, o Carangueijo, o Viaduto

Denis Bernardes

Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE

84 Os Analphabetos

João Gumes

Editora da Universidade do Estado da Bahia/EDUNEB

85 Navegação a vapor na Bahia oitocentista (1839-1894)

Marcos Guedes Vaz Sampaio

Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA

86 As vilas do ouro: sociedade e trabalho na economia escravista mineradora (Bahia, século XVIII)

Albertina Lima Vasconcelos

Editora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/UESB

87 O triunfo de Sosígenes Costa

Cyro de Mattos e Aleilton Fonseca (Org.) Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz/EDITUS

88 Minelvino trovador apóstolo

Jorge de Souza Araujo Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz/EDITUS

89 Cancioneiro do cacau 2ª edição

Cyro de Mattos Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz/EDITUS



IMPRENSA UNIVERSITÁRIA

Impresso na gráfica da Universidade Estadual de Santa Cruz - Ilhéus-BA